



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

MARIA LUCIANE DE LUNA SANTOS

SER PROFESSOR DO SEXO MASCULINO NOS ANOS INICIAIS: um estudo das
representações sociais de pedagogos

RECIFE

2023

MARIA LUCIANE DE LUNA SANTOS

SER PROFESSOR DO SEXO MASCULINO NOS ANOS INICIAIS: um estudo das
representações sociais de pedagogos

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Área de concentração: Formação de professores e prática pedagógica.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rejane Dias da Silva Moraes

RECIFE

2023

.Catalogação de Publicação na Fonte. UFPE - Biblioteca Central

Santos, Maria Luciane de Luna.

Ser professor do sexo masculino nos anos iniciais: um estudo das representações sociais de pedagogos / Maria Luciane de Luna Santos. - Recife, 2023.

86p.: il.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação.

Orientação: Rejane Dias da Silva Morais.

1. Representações sociais; 2. Pedagogos; 3. Docência. I. Morais, Rejane Dias da Silva - Orientadora. II. Título.

UFPE-Central

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

SER PROFESSOR DO SEXO MASCULINO NOS ANOS INICIAIS: um estudo das
representações sociais de pedagogos

Aprovada por videoconferência em: 30/08/2023

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Rejane Dias da Silva Morais (Orientadora) Universidade Federal de Pernambuco
[Participação por videoconferência]

Prof^a. Dr^a. Márcia Regina Barbosa (Examinadora Interna) Universidade Federal de Pernambuco
[Participação por videoconferência]

Prof^a. Dr^a. Vânia Maria de Oliveira Vieira (Examinadora Externa)
Universidade de Uberaba [Participação por videoconferência]

RECIFE
2023

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todas as pessoas que almejaram avançar em seu processo de escolarização e que, pelas circunstâncias da vida, não seguiram adiante em seus percursos estudantis.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me abençoado até aqui, por ter me dado força nos momentos difíceis, pela oportunidade e condições de concretização desta importante conquista e por seu amor que é sem medida.

Aos meus familiares, em especial: Lenilza (mãe), Alfredo (pai), Leandro (irmão), Flávio (esposos), Josefa (avó), Amaro (avô), Maria José (tia-madrinha), Erica (prima) e Felipe (primo), por todo apoio e amor.

A todos os professores que contribuíram na minha formação, especialmente: Ana Paula minha professora alfabetizadora, Josely Henriques, por me conduzir ao meio científico no ensino médio, Daniela Ferreira pelo acompanhamento e aprendizado ao longo da graduação em pedagogia, Vânia Vieira e Márcia Barbosa pelas ricas contribuições no desenvolvimento desta pesquisa desde a qualificação e a minha orientadora Rejane Dias por todo acompanhamento, apoio e carinho no decorrer do curso de mestrado.

Aos 15 professores participantes da pesquisa pela disponibilidade e confiança. Aos amigos de forma geral: pessoais, de curso e de trabalho pelo incentivo e parceria. Aos grupos de estudo e pesquisa: Grupo de Estudo e Pesquisa Família, Escola e Profissão (GEPFEP) e Grupo Interdisciplinar de Estudos sobre Representações Sociais e Educação (GIERSE) pelo acolhimento e aprendizados oferecidos.

À Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu), pelo conhecimento e vivências oferecidas.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento deste estudo.

A todos, o meu carinho e gratidão!

Sempre necessitamos saber o que temos a ver com o mundo que nos cerca. É necessário ajustar-se, conduzir-se, localizar-se física ou intelectualmente, identificar e resolver problemas que ele põe. Eis porquê construímos representações. E, da mesma forma que, ante as coisas, pessoas, eventos ou ideias, não somos equipados apenas com automatismos, igualmente não somos isolados em um vazio social: compartilhamos o mundo com outros, neles nos apoiamos — às vezes convergindo; outras, divergindo — para o compreender, o gerenciar ou o afrontar. Por isso as representações são sociais e são tão importantes na vida cotidiana. Elas nos guiam na maneira de nomear e definir em conjunto os diferentes aspectos de nossa realidade cotidiana, na maneira de interpretá-los, estatuí-los e, se for o caso, de tomar uma posição a respeito e defendê-la.

(Denise Jodelet)

RESUMO

Esta pesquisa trata das representações sociais de pedagogos que atuam nas redes municipais do estado de Pernambuco. Nosso objetivo é compreender as representações sociais do ser professor do sexo masculino nos anos iniciais do ensino fundamental, compartilhadas entre pedagogos que atuam nas redes municipais da região Metropolitana do Recife e do interior do estado de Pernambuco. Para responder a esta indagação, tomamos como referência de análise as discussões suscitadas acerca da docência nos anos iniciais do ensino fundamental, a pedagogia no Brasil e a Teoria das Representações Sociais com a abordagem processual, proposta por Serge Moscovici e Denise Jodelet. Utilizamos a abordagem qualitativa para subsidiar o percurso metodológico. Foi aplicado um questionário para verificar o perfil dos participantes e em seguida realizadas entrevistas semiestruturadas com 15 professores (5 do interior e 10 da região Metropolitana). Para auxiliar no tratamento dos dados, utilizamos a análise de conteúdo sugerida por Bardin (2011), por meio de transcrição e categorização dos elementos presentes nas falas. As categorias de análise das entrevistas foram: a escolha pela pedagogia, representações sociais sobre a docência nos anos iniciais e projeções para o futuro profissional. Os resultados mostram que a escolha profissional destes professores recebe influência de várias vertentes e uma delas é do seu círculo social, assim como o apoio. Dizem ter sido bem recebidos nas instituições de ensino, mas grande parte teve dificuldade de adaptação. Relatam ter boa relação com a comunidade escolar, sentindo-se aceitos. Todos afirmam estar satisfeitos com a profissão, porém, expressam ter algum tipo de dificuldade ou crítica como: falta de investimento material, estrutura física, formação e acompanhamento familiar. A maioria não sofreu preconceito ou resistência ao longo do trabalho e almeja continuar atuando como docentes dos anos iniciais. Os dados apontam que a pedagogia ainda é uma área com predominância feminina, que esse profissional é de grande importância para a formação da sociedade, contudo, precisa de mais reconhecimento e valorização pela sociedade de forma geral.

Palavras-chave: representações sociais; pedagogos; docência; anos iniciais.

ABSTRACT

This research deals with the social representations of pedagogues who work in municipal networks in the state of Pernambuco. Our objective is to understand the social representations of being a male teacher in the early years of elementary school, shared between pedagogues who work in the municipal networks of the Metropolitan region of Recife and the interior of the state of Pernambuco. To answer this question, we assume as analysis reference the discussions raised about teaching in the early years of elementary school, pedagogy in Brazil and the Social Representations Theory with the procedural approach proposed by Serge Moscovici and Denise Jodelet. We used the qualitative approach to support the methodological path. We used the qualitative approach to support the methodological path. A questionnaire was applied to verify the participants' profile and then semi-structured interviews were carried out with 15 teachers (5 from the countryside and 10 from the Metropolitan region). In order to assist in the data treatment, we used the content analysis advocated by Bardin (2011), by means of transcription and categorization of the elements present in the speeches. The analysis categories of the interviews were: the choice for pedagogy, social representations about teaching in the early years and projections for the professional future. The results show that the professional choice of these teachers is influenced by several features; one of them is from their social circle as well as the support. They state have been well received in educational institutions, but most of them have had difficulty in getting adapted. They report having a good relationship with the school community, feeling accepted. All claim to be satisfied with the profession, however, express having some kind of difficulty or criticism such as: lack of material investment, physical structure, training and family follow-up. Most of them did not suffer prejudice or resistance throughout the work and they want to continue working as teacher in the early years. The data point out that pedagogy is still a field with female predominance and that this professional is of great importance for the society formation, however, it needs more acknowledgement and appreciation by society in general.

Keys-Words: social representations; pedagogues; teaching; early years.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Abordagens da Teoria das Representações Sociais.....	36
Quadro 2 - Mesorregiões e microrregiões do estado de Pernambuco.....	41
Quadro 3 - Municípios das microrregiões Vitória de Santo Antão e Recife – PE.....	42

LISTA DE TABELAS

- Tabela 1** - Trabalhos encontrados no BTDC relacionados com o descritor *ser AND professor AND anos AND Iniciais* de 2011 a 2021.....19
- Tabela 2** - Trabalhos encontrados no BTDC de 2011 a 2021 relacionados ao nosso objeto de investigação (ser professor dos anos iniciais).....19

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Total de docentes atuando na educação infantil em Pernambuco segundo o sexo, em 2021 - Total: 17.475.....	15
Gráfico 2 - Total de docentes atuando nos anos iniciais do ensino fundamental em Pernambuco segundo o sexo, em 2021 - Total: 29.951.....	16

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior CNE – Conselho Nacional de Educação

GEPFEP - Grupo de Estudo e Pesquisa Família, Escola e Profissão

GIERSE - Grupo Interdisciplinar de Estudos sobre Representações Sociais e Educação IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira MEC – Ministério da Educação

ONG – Organização Não Governamental PP – Professor de Paulista

PROUNI – Programa Universidade para Todos PV – Professor de Vitória

PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência RS – Representações Sociais

SEEDF – Secretaria de Estado e Educação do Distrito Federal TRS – Teoria das Representações Sociais

UFMT – Universidade Federal do Mato Grosso UFPE – Universidade Federal de Pernambuco

USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	14
2 DOCÊNCIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL.....	18
2.1 <i>Ser professor dos anos iniciais: o que dizem as pesquisas sobre a temática.....</i>	<i>18</i>
2.2 <i>Docência masculina nos anos iniciais: o que a literatura revela.....</i>	<i>23</i>
3 A PEDAGOGIA NO BRASIL.....	24
3.1 <i>Pequeno histórico.....</i>	<i>24</i>
3.2 <i>Identidade profissional do pedagogo.....</i>	<i>27</i>
3.3 <i>A docência nos anos iniciais vista como profissão feminina.....</i>	<i>31</i>
4 APORTE TEÓRICO – METODOLÓGICO.....	33
4.1 <i>A Teoria das Representações Sociais (TRS).....</i>	<i>33</i>
4.1.1 Percurso metodológico.....	40
4.2 <i>Campo empírico.....</i>	<i>41</i>
4.3 <i>Os participantes da pesquisa.....</i>	<i>44</i>
4.4 <i>Procedimentos e instrumentos utilizados.....</i>	<i>45</i>
4.4.1 Entrevistas semiestruturadas.....	46
4.4.2 A análise de conteúdo.....	47
5 ANÁLISE DOS DADOS.....	47
5.1 <i>Perfil dos professores participantes da pesquisa.....</i>	<i>47</i>
5.2 <i>Análise das entrevistas.....</i>	<i>50</i>
5.2.1 A escolha pela pedagogia.....	50
5.2.2 Representações sociais sobre a docência nos anos iniciais.....	54
5.2.3 Projeções para o futuro profissional.....	64
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	68
REFERÊNCIAS.....	72
APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) – Para as Secretarias de Educação participantes da pesquisa.....	79
APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) – Para os participantes da pesquisa.....	81
ANEXO A - Autorização da Secretaria de Educação da cidade de Vitória de Santo Antão–PE.....	83
ANEXO B - Questionário sobre o perfil do pedagogo.....	84
ANEXO C - Roteiro para a entrevista semiestrutura.....	86

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como finalidade tratar sobre o estudo das representações sociais de pedagogos que atuam nas redes municipais de ensino, acerca do ser professor do sexo masculino nos anos iniciais em um campo de atuação historicamente feminina. Esta proposta de pesquisa surgiu como uma expansão de meu trabalho de conclusão do curso de pedagogia, o qual investigou a construção da escolha pelo curso de pedagogia por estudantes do sexo masculino na UFPE.

Por meio desse estudo foi possível perceber que o pedagogo em formação associa o trabalho nos anos iniciais (eixo central do curso de pedagogia) à ideia da feminilização, justamente por ter sido a área em que as mulheres conseguiram aceitação no ingresso ao mercado de trabalho, na sociedade brasileira. Em decorrência disso, esses estudantes em formação têm sido vistos como “estranhos” no espaço pedagógico, pois segundo os entrevistados, eles têm tido uma inserção profissional limitada e até excludente, o que é visto por meio dos estágios; conduzindo esses jovens a almejem inserções profissionais em campos da pedagogia distanciados dos anos iniciais.

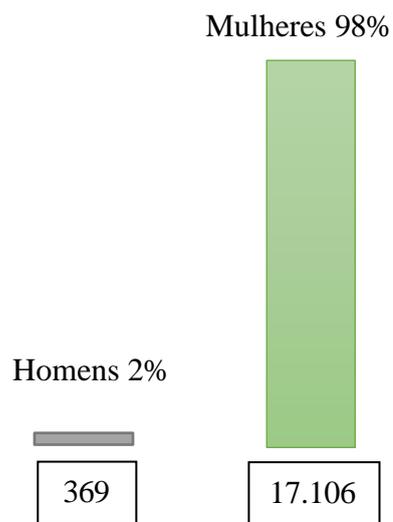
Diante desse fato percebemos que o gênero continua sendo uma condição importante para pensarmos sobre a inserção dos indivíduos nos meios ocupacionais e como isso é reverberado na forma de esse profissional se perceber e ser percebido no ambiente de trabalho e na esfera social mais ampla. Diante desse quadro, verificamos que superadas algumas barreiras, observamos pedagogos em atuação nos anos iniciais das redes municipais de ensino. Frente a esse panorama, questiona-se: Como está sendo vivenciada a profissionalização do pedagogo nos anos iniciais? Como eles se veem e são vistos nesse espaço historicamente de atuação feminina? E que projeções profissionais almejam para o futuro?

Para conhecer o universo de participantes do nosso estudo, buscamos identificar no site do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), o quantitativo de pedagogos por sexo que atuam no estado de Pernambuco. Encontramos como mais recente publicação o resumo técnico do Censo da Educação Básica de 2021. O Censo da Educação Básica é um levantamento estatístico anual sobre diversas questões relacionadas à educação, abrangendo não somente os estabelecimentos públicos, mas também os privados de todo o país.

O censo mostra que em 2021 foram registrados 54.225 docentes na educação básica do estado de Pernambuco, sendo que destes a maior parte se encontra atuando nos anos iniciais do ensino fundamental, especificamente 55% o que em números equivale a 29.951 docentes. Já na educação infantil encontram-se atuando 32%, um total de 17.475 professores.

O Gráfico 1 apresenta o percentual de docentes do estado de Pernambuco que atuam na educação infantil por sexo. A partir destes dados podemos perceber que a predominância ainda continua sendo das mulheres nessa etapa da escolarização, contudo, não podemos desconsiderar o significativo quantitativo de homens inseridos nesse espaço.

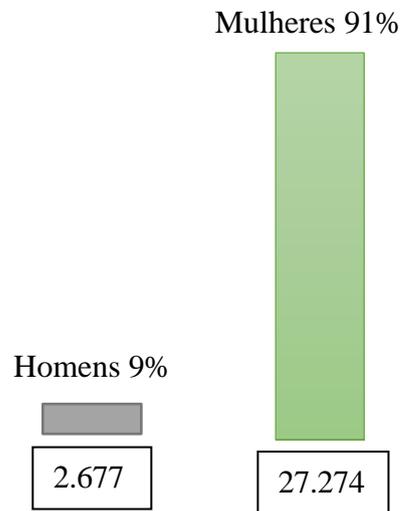
Gráfico 1: Total de docentes atuando na educação infantil em Pernambuco segundo o sexo, em 2021 - Total: 17.475



Fonte: Elaborado com base nos dados do Censo da Educação Básica de 2021.

No Gráfico 2, observamos o número de docentes do estado de Pernambuco que atuam nos anos iniciais do ensino fundamental por sexo. Neste, podemos verificar que apesar de não ser muito expressivo, o percentual de homens trabalhando nos anos iniciais aumentou.

Gráfico 2: Total de docentes atuando nos anos iniciais do ensino fundamental em Pernambuco segundo o sexo, em 2021 - Total: 29.951



Fonte: Elaborado com base nos dados do Censo da Educação Básica de 2021.

Diante do exposto, constatamos que superadas algumas barreiras histórico-culturais, mesmo estando em um espaço de atuação predominantemente feminina, encontramos homens atuando nos anos iniciais e na educação infantil.

Ao considerar os estudos referentes ao ser professor dos anos iniciais, à docência masculina nos anos iniciais e às representações dos indivíduos, percebemos que há lugar para ampliar o debate em torno desses temas relevantes. Conhecer as representações desses profissionais nos ajuda a compreender não somente a experiência individual deles, mas também um pouco da visão social mais ampla internalizada nesses sujeitos, pois segundo Gadamer (2008), existe uma dialética entre grupo e indivíduo pelo fato de cada sujeito revelar em alguma instância o grupo em que está inserido, seu tempo histórico e a cultura que envolve sua singularidade. E isso por meio da forma com que as várias instituições formativas (universidade, família, igreja etc.) contribuem para projetar nos indivíduos percepções de seu lugar social.

Entende-se que o processo formativo dos professores não é restringido aos cursos de formação inicial, perpassando a atuação concreta do ofício. Ao considerarmos o olhar dos pedagogos que estão vivenciando a docência nos anos iniciais, teremos um vislumbre do que de fato ocorre na prática e quais melhorias precisam ser suscitadas. Nesse contexto, destaca-se

o papel das universidades, sobretudo das públicas, no tocante à promoção do debate/reflexão acerca da formação do professor no âmbito institucional e no que concerne à realidade prática no mundo do trabalho. Isso possibilita projetos de ações em prol do avanço para o campo rumo à formação integral dos indivíduos, para o pleno exercício da cidadania.

Para responder a essas indagações, elenco os seguintes objetivos:

Objetivos: Geral:

Compreender as representações sociais do ser professor do sexo masculino nos anos iniciais do ensino fundamental, compartilhadas entre pedagogos que atuam nas redes municipais da Região Metropolitana do Recife e do interior do estado de Pernambuco.

Específicos:

- ✓ Verificar o perfil dos pedagogos do sexo masculino que atuam nos anos iniciais do ensino fundamental da Região Metropolitana do Recife e do interior do estado de Pernambuco.
- ✓ Identificar as representações sociais do ser professor do sexo masculino nos anos iniciais, compartilhadas entre pedagogos que atuam nos anos iniciais da escolarização.
- ✓ Analisar as motivações para a escolha profissional desses pedagogos e suas perspectivas futuras.

Esta pesquisa tem em sua concepção um recorte de gênero, de identidade social e profissional, bem como aspectos históricos e sociais da nossa cultura. Conhecer aspectos pertinentes a tudo que diz respeito à nossa cultura, à nossa estrutura de funcionamento social nos ajuda a compreender os lugares e destinos dos sujeitos nos diversos espaços sociais e como essas relações produzem sentido do fazer e estar no mundo.

Diante do exposto, partiremos para as etapas que estruturam esta pesquisa. O texto desta pesquisa está organizado em quatro capítulos e as considerações finais. O primeiro capítulo trata da docência nos anos iniciais do ensino fundamental e nele discorreremos sobre o ser professor dos anos iniciais e sobre a docência masculina nos anos iniciais, a partir de levantamentos realizados no BTDC no período de 2003 a 2021. Estes levantamentos ajudam a conhecer melhor nosso objeto de investigação, através dos trabalhos produzidos por vários autores que se debruçaram nessa temática, sendo essas reflexões importantes para auxiliar a compreensão do nosso universo de pesquisa e subsidiar o desenvolvimento deste estudo.

No segundo capítulo abordaremos o campo da pedagogia no Brasil, uma vez que nossos sujeitos fazem parte desse grupo profissional. Trazemos um pouco do histórico da pedagogia no Brasil por meio da obra: *A Pedagogia no Brasil* de Dermeval Saviani (2008), falamos sobre a constituição da identidade profissional do pedagogo, por meio de literaturas que tratam do tema e a instituição da docência nos anos iniciais como área relacionada ao sexo feminino.

No terceiro capítulo detalharemos nosso aporte teórico-metodológico baseado na Teoria das Representações Sociais. Apresentamos o percurso a ser desenvolvido com o campo, os participantes, os procedimentos e instrumentos utilizados para a realização desta pesquisa.

No quarto capítulo traremos a análise dos dados com os resultados e discussões relacionadas ao perfil dos professores participantes da pesquisa e a análise das entrevistas com as categorias: a escolha pela Pedagogia, representações sociais sobre a docência nos anos iniciais e projeções para o futuro profissional. Por último, teceremos as considerações finais em torno das discussões e resultados encontrados nesta pesquisa e apontaremos a importância do desenvolvimento de novos estudos sobre a temática.

2 DOCÊNCIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

2.1 Ser professor dos anos iniciais: o que dizem as pesquisas sobre a temática

Para iniciar a reflexão acerca da docência nos anos iniciais, realizamos um levantamento dos trabalhos desenvolvidos sobre a temática no banco de teses e dissertações da Capes no período de dez anos. Utilizamos os descritores *ser AND professor AND anos AND iniciais* e o recorte temporal foi de 2011 a 2021.

Como resultado do levantamento encontramos 45 trabalhos no total, sendo 33 dissertações e 12 teses. Ao analisarmos mais detidamente as temáticas apresentadas, percebemos que 14 tinham relação com nosso objeto de investigação. Destes, 12 são dissertações e duas são teses. Vejamos a distribuição dos trabalhos por ano na Tabela 1.

Tabela 1 – Trabalhos encontrados no BTDC relacionados com o descritor *ser AND professor AND anos AND Iniciais* de 2011 a 2021

Ano	Dissertações	Teses	Total	Trabalhos relacionados ao nosso objeto de pesquisa
2011	17	1	18	4
2012	12	9	21	6
2013	-----	1	1	1
2014	1	-----	1	-----
2015	-----	-----	-----	-----
2016	2	-----	2	1
2017	-----	-----	-----	-----
2018	-----	1	1	1
2019	-----	-----	-----	-----
2020	1	-----	1	1
2021	-----	-----	-----	-----
Total	33	12	45	14

Fonte: Elaborado com base nos dados do banco de teses/dissertações da CAPES

Ao tentar acessar o arquivo desses trabalhos, não conseguimos localizar cinco deles pelo fato de terem sido anteriores à Plataforma Sucupira, como descrito no site da Capes e nem os localizamos nos demais meios digitais que circulam na internet. Realizamos uma filtragem dos dados encontrados no BDTC descrito acima e verificamos que nove deles se relacionam ao nosso objeto de investigação, conforme apresentado na Tabela 2.

Tabela 2 – Trabalhos encontrados no BTDC de 2011 a 2021 relacionados ao nosso objeto de investigação (*ser professor dos anos iniciais*)

Ano	Dissertações	Teses
2011	2	-----
2012	3	-----
2013	-----	1
2016	1	-----
2018	-----	1
2020	1	-----
2021	-----	-----
Total	7	2

Fonte: Elaborado com base nos dados do banco de teses/dissertações da CAPES

Sobre estas nove pesquisas selecionadas para este estudo destacaremos algumas considerações sobre cada uma delas, com foco no tema abordado e nos resultados encontrados.

Mendonça (2011) desenvolveu um estudo com professores em início de carreira em escolas públicas da rede municipal de São Paulo, acerca das necessidades formativas dos professores dos anos iniciais do ensino fundamental na sua inserção no exercício da docência.

Os resultados indicaram a necessidade de apoio aos docentes em início de carreira, para uma inserção profissional mais segura diante das múltiplas vivências e desafios próprios da profissão.

Oliveira (2011) pesquisou a educação escolar e a ação intencional do professor em uma

escola pública do estado do Paraná. Por meio deste estudo podemos perceber que apesar de existir certa contradição entre o proposto e o efetivado, o êxito no trabalho escolar e especificamente do professor, se dá por meio de um trabalho conjunto de toda a comunidade escolar.

Elmenoufi (2012) analisou os significados atribuídos pelos professores dos anos iniciais e finais da rede municipal de Manaus, relacionados ao ser professor e seu trabalho docente. Os resultados apontaram que as representações dos professores estão envoltas no que se refere ao compromisso e dedicação. Nesse contexto a afetividade apareceu como importante elemento da constituição docente em sua relação com os alunos do Ensino Fundamental. A partir das falas foi evidenciada a falta de valorização do trabalho desse profissional, o que gera lutas e reivindicações por parte da categoria. Ressaltou-se também a necessidade de partilha entre os professores referente à profissão.

A autora desta que na profissionalização é preciso considerar tanto as dimensões sociais quanto as subjetivas. Com relação à atividade docente ela é entendida muito mais como uma construção social do que uma prática definida a priori, uma vez que o trabalho docente envolve não somente a transmissão de conteúdos, mas também um preparo dos estudantes para as demandas da sociedade.

Kuhn (2012) investigou aspectos teóricos e práticos envolvidos nas práticas avaliativas de professoras oriundas do curso de pedagogia a distância da UFMT e as implicações no exercício de ser professor em uma escola da rede pública. Para este grupo de professoras investigado o ser professor está ligado a um conjunto de saberes que orientam a prática e que, também, são construídos na prática. A aprendizagem profissional da docência exige o ato reflexivo, a autoconsciência para traçar caminhos em busca de alcançar objetivos, contudo, há limitações no processo.

Ainda neste estudo foi verificada a importância da trajetória em suas vivências e experiências que fornecem subsídios para o aprendizado da docência, constituindo nossa identidade, expressada através de nossas representações e atuações. Além destes elementos apareceram as condições de trabalho e a valorização da profissão como construto da formação da identidade profissional.

Moreira (2012) estudou a representação social do ser professor e construção identitária docente de um grupo de professores atuantes nos três primeiros anos do Ensino Fundamental de 20 municípios. Seus resultados apontaram que a construção identitária dos professores possui forte influência das representações sociais relacionadas aos discursos que circulam na sua formação, universos escolares e práticas que passam por constantes modificações advindas

dos sistemas de ensino.

Para o autor mencionado, as representações sociais relativas ao ser professor surgem na comunicação entre os colegas de profissão, que partilham também saberes do senso comum, envolvendo os professores tanto quanto os saberes científicos e ambos auxiliam a ser profissional. Ser professor faz parte de sua forma de ver e se posicionar no mundo em um movimento de formar e se transformar ao mesmo tempo na relação com o outro.

Ainda neste estudo mais uma vez foi evidenciada a predominância feminina nessa etapa da escolarização. Acredita-se que o sexo contribui na construção da identidade do professor em se reconhecer no grupo e incorporar determinadas práticas profissionais próprias desse ofício. Foi destacada a desvalorização profissional, governamental e social, escassez de recursos didáticos e baixa remuneração como fortes fatores constituintes da construção da identidade do professor. Para esses professores apesar das dificuldades ligadas à docência, eles possuem uma identificação com a profissão e em alguma medida a idealizam positivamente. Menciona, também, que a expressão da identidade do professor está imbricada nas dinâmicas da sociedade, demarcando novas posturas e modos de agir do docente.

Sousa (2013), em sua tese discorreu sobre o aprender a ser professor nas práticas do PIBID para compreender como ela se revela um espaço de mobilização, elaboração e reelaboração de saberes. O campo de investigação foi a Universidade e Escola de Educação básica. Os resultados mostraram que a prática docente é mais que um conjunto de procedimentos técnicos e metódicos, ela é uma prática social, uma forma de intervir na realidade. A formação também advém das experiências vividas no exercício da profissão e a confiança se mostrou importante para o aprendizado da docência, assim como as mediações e o tempo.

Foi visto ainda no estudo de Sousa que os saberes da prática de ensino reconstróem os saberes: disciplinares, curriculares, pedagógicos e experienciais. Esses saberes vão se reconstruindo nos diálogos, reflexões, questionamentos e contradições, podendo ser mobilizados, refutados e (re)elaborados. Nesse contexto verificou-se que o PIBID se constituiu um significativo espaço de ensino para a docência. Por fim, apresentou o sujeito enquanto ser em permanente aprendizagem e interação com sua realidade histórica, social e cultural.

Araujo (2016) realizou um estudo acerca das representações sociais de estudantes do curso de pedagogia de uma universidade pública do Paraná voltadas ao ser professor nos anos iniciais. Em seus resultados encontrou duas concepções ligadas ao ser professor: uma relacionada aos saberes necessários ao exercício da docência e como irá transmiti-los, perspectiva tradicional de transmissão de conteúdos, e a outra voltada ao ser e sentir que eles

devam ter obrigatoriamente grande domínio dos conhecimentos científicos para serem bons professores.

Weber (2018) em sua tese focou na autoeficácia do professor. A investigação foi realizada com professoras atuantes nos anos iniciais do ensino fundamental de escolas públicas e privadas de Santa Maria. Seus resultados indicaram que a crença na autoeficácia é essencial para a prática docente, pois quem não a tem falta-lhe confiança e sua prática se torna desvinculada do que se propõe, mesmo que detenha os conhecimentos científicos e pedagógicos necessários ao exercício da docência.

Outro ponto relevante destacado é o contexto de trabalho. Nele estão as condições para a efetivação do exercício profissional em prol de determinados objetivos. Não menos importante está o fator psicológico, que explica e prediz as ações. Apareceram como fatores influenciadores da prática: concepções que o professor tem sobre o que representa uma aula, experiências, motivações, realização/frustração, falta de incentivo, desafios e incertezas que geram ansiedade/medo diante de novas situações.

Semelhantemente a outras pesquisas, foi visto por meio dos discursos das professoras que elas veem a profissão como dom e atribuem grande importância a relação afetiva com o aluno. Foi pontuado ainda que ser professor exige organização, planejamento e escolhas. Ser professor é estar em constante formação, realizar trocas com seus colegas professores, incluindo os de áreas específicas, resultando em um trabalho colaborativo.

Por último temos o trabalho de Santos (2020), que investiga o processo de constituição do ser professor, bem como os significados e sentidos compartilhados por professores (as) dos anos iniciais da Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEEDF) em diferentes momentos da vida profissional docente. Nessa pesquisa a autora verificou que o processo de constituição da docência é permeado por múltiplas “determinações” históricas, políticas, sociais e econômicas de reprodução do ser social imbricadas na práxis do professor. Afirma que a constituição do ser professor está ligada à dialética teoria-prática, assim como as relações que são estabelecidas. Foi evidenciado nos relatos dos professores uma fragmentação entre os conhecimentos teóricos e a prática. Destacou ainda que a constituição do ser social professor compreende uma construção individual de sua docência, produzindo significados e sentidos em uma realidade objetiva, solidificados nas vivências do e com o trabalho. A autora finaliza suas considerações trazendo o professor como alguém que cria e transforma a realidade e o potencial humano.

2.2 Docência masculina nos anos iniciais: o que a literatura revela

Para termos um panorama da docência masculina nos anos iniciais, realizamos um levantamento dos trabalhos produzidos no banco de teses e dissertações da CAPES, não especificando um recorte temporal. Como resultado encontramos trabalhos no período de 2003 a 2021. Como descritores utilizamos: docência AND masculina AND anos iniciais. Como resultado apareceram 11 trabalhos, sendo três teses e oito dissertações. Ao ler os resumos identificamos que deste quantitativo seis estavam diretamente ligados ao nosso objeto de investigação, nos quais cinco são dissertações e uma tese.

Os resultados revelam em sua maioria que a docência masculina nos anos iniciais da escolarização continua fortemente atrelada ao sexo feminino e às características que lhe são atribuídas: maternidade, sensibilidade, carinho, afeto e paciência, por exemplo. Os homens relataram dificuldade para se sentirem pertencentes a esse espaço. Por haver certo preconceito, necessitam de um tempo maior para demonstrarem competência e aceitação coletiva e, por isso, buscam alternativas de inserção no ambiente educativo como nos cargos administrativos.

Os estudos trouxeram ainda que esses profissionais inseridos nesse universo composto historicamente por mulheres evidenciam a reafirmação da construção social que “demarca” no ideário coletivo representações que legitimam os papéis de gênero e, conseqüentemente, os destinos sociais dos sujeitos nos meios ocupacionais, como mostram as dissertações de Cardoso (2004); Correa (2014); Santos (2014); Gomides (2014) e Carvalho (2015).

Destaca-se na tese de Cunha (2016) o resultado diferenciou dos demais trabalhos, ao situar positivamente os docentes do sexo masculino que atuam nos anos iniciais. Argumenta que a esse professor está relacionada a imagem de respeito e autoridade, recorrente de construções que atrelam virilidade e poder.

No próximo ponto trataremos uma discussão voltada ao percurso histórico vivenciado pela Pedagogia no Brasil, a constituição da identidade profissional, focando na profissão docente e sua representação ligada a feminização.

3 A PEDAGOGIA NO BRASIL

3.1 *Pequeno histórico*

Para conhecermos um pouco acerca do percurso histórico da pedagogia no contexto brasileiro, discorreremos brevemente a seguir sobre uma importante obra do autor Dermeval Saviani (2008), intitulada: “A Pedagogia no Brasil – história e teoria”. Esta obra nos permite tecer um olhar geral para a temática, vejamos:

Saviani (2008), nesta obra discorre sobre as principais concepções e teorias pedagógicas suscitadas no contexto brasileiro ao longo do tempo. Seu conteúdo está disposto em duas partes: a primeira advinda de uma abordagem histórica e a segunda teórica, que trazem a origem e o desenvolvimento da pedagogia como campo epistemológico específico, juntamente, como teoria e prática da educação.

A primeira parte do livro destinada à perspectiva histórica, situa a discussão pedagógica da Colônia à Primeira República. As leis e decretos surgidos nesse período vieram expandir a ideia de universalização do ensino, bem como a abertura do espaço acadêmico da pedagogia e ênfase nos estudos superiores de educação. Os institutos e faculdades, por sua vez, originaram os cursos de formação de professores, inclusive pedagogia, sob o olhar da formação didática e domínio de conteúdos. Segue com as diretrizes curriculares nacionais para o curso de pedagogia aprovadas em 2006 pelo CNE, que contribuíram para solidificar a área da pedagogia. Conclui destacando a rica tradição da pedagogia.

A segunda parte voltada ao campo teórico traz a pedagogia como teoria da educação, no âmbito das principais concepções educativas. Sua trajetória no Brasil se deu em dois momentos: a manifestação da problemática pedagógica, colocada desde os Jesuítas e sua consolidação nas instituições. Saviani (2008) destaca a teoria do capital humano, que contribuiu fortemente para a pedagogia que hoje temos vinculada ao espaço econômico. O dilema da pedagogia se deu mediante a relação entre teoria e prática, conduzindo à compreensão de educação como área complexa e polêmica. Nesse contexto, o papel da pedagogia enquanto ciência autônoma se situa na formação do indivíduo. Aos profissionais está posto o funcionamento da escola e a possibilidade de articulação coerente das várias abordagens educacionais, demandando assim uma formação constante.

A pedagogia no Brasil - história e teoria foi subsídio à implantação do curso de pedagogia da Universidade de São Paulo (USP). Nela encontramos as principais concepções e teorias pedagógicas que circulam no contexto brasileiro, à luz dos enfoques histórico e teórico. Ao longo da história, a pedagogia foi entendida como a forma de apreender ou de instituir o

processo educativo em função da formação do homem. O termo e a concepção da pedagogia surgiram na Grécia, *paidós* (criança) e *agodé* ou *agogo* (condução), portanto, o pedagogo é aquele que conduz a criança ao saber. Este trabalho era feito pelos escravos que tinham a incumbência de dar formação (*paideia*) intelectual e cultural. Com o passar do tempo o termo expandiu-se, contudo, foi somente a partir do século XIX que se generalizou enquanto conexão entre a elaboração da ideia de educação e o fazer do processo educativo. Além da concepção, desde muito tempo a necessidade da formação docente estava posta, preconizada por Comenius no século XVII, sendo instituída no espaço formal apenas no século XIX. Foi no século XX que a pedagogia se constitui como ciência, com campo científico próprio. Na discussão da formação docente encontram-se presentes dois enfoques: um sobre os conteúdos e o outro sobre o preparo didático-pedagógico que perpassaram os séculos e continuam vivos até os dias atuais, conduzindo-nos a afirmar que ambos são fundamentais para o processo educativo.

O enfoque histórico do livro introduz os caminhos traçados pela pedagogia no Brasil. Iniciando com os jesuítas, e a partir de então ocorreram uma série de marcos que contribuíram progressivamente para o fortalecimento do campo. Em 1931 inicia-se a abertura do espaço acadêmico da pedagogia, na Faculdade de Educação, Ciências e Letras, centrando nos institutos de Educação a incumbência da formação docente. Em seguida, no ano de 1939 o curso de Pedagogia foi criado no Brasil. Neste contexto já havia consciência da fragilidade do ensino, necessitando assim de muito investimento. A USP, criada em 1934 passa a ser a instituição referência, abarcando todas as áreas do conhecimento humano, suscitando a valorização da pesquisa, especialmente na academia pública, seu lugar por excelência.

A universidade do Brasil consolidou-se como modelo, determinando por 28 anos a forma de organização da formação pedagógica. A pedagogia surgiu como área e, depois, como curso. A princípio o curso tinha poucas disciplinas, mas com carga horária extensa, possuindo uma base parecida com a que tem hoje. Muitas foram as regulamentações até a ampliação de sua abrangência, passando a ter vinculação com o mercado e a economia. Com o olhar mais crítico da formação do docente, em 1970 se instalam os programas de pós-graduação, expandindo o universo da educação.

Um quadro de crise sobreveio ao curso de pedagogia, sendo superada com a definição de suas diretrizes curriculares em 2006. A discussão se solidifica, envolvendo questões antes não pontuadas. Passa-se a ter uma perspectiva para as formas como a criança aprende, ainda não considerada ideal, mas uma conquista alcançada. Nesse quadro, havia autores que acreditavam ser a pedagogia muito maior que a docência. Desde a década de 1930 a pedagogia ocupou espaço permanente na estrutura do ensino superior, a área pedagógica sofreu estigma,

acarretando baixo status social da profissão docente. O que não se pode negar é que a pedagogia é a ciência prática, rica em tradição teórica, e íntima na relação com a prática onde se origina e a ela se destina.

A segunda parte do livro volta-se a discussão da pedagogia como teoria da educação, no âmbito das principais concepções educativas que nortearam o pensamento pedagógico na história; a saber: concepção humanista tradicional, humanista moderna, analítica, crítico-reprodutivista e a dialética. Essas correntes reportam seu diálogo pautado na teoria versus prática, professor versus aluno, não interessando saber quem se sobressai, mas a existência e importância delas no contexto educativo. Saviani elenca ainda que aquilo que não formula diretrizes que orientem a atividade educativa, não se constitui como pedagogia.

Lima (2013) contribui com a discussão situando que o curso de Pedagogia surgiu no Brasil em um período de mudanças na estrutura da sociedade, exigindo uma mão de obra mais especializada e como tal, o âmbito educacional não podia ficar de fora desse processo de progresso social. Isso se configurou em avanço pelo fato de o governo focar o olhar para a melhoria da educação, ampliando a formação docente e conseqüentemente é dado um passo a mais para reconhecimento e valorização desse profissional tão importante para a constituição da sociedade.

De tudo que foi dito nesta escrita, percebemos que a educação sempre foi e continua sendo o ponto central da atividade humana, tendo como ideal de educação a produção da humanidade em cada indivíduo. A pedagogia é responsável por oferecer modelos formais para a formação dos indivíduos. Por meio desse percurso percebemos que a depender da mentalidade e das disputas de poder a respeito da educação em cada época, a pedagogia foi sendo modificada, buscando fortalecer esse curso de caráter profissional peculiar, desvinculando-o do fator vocacional e lhe atribuindo identidade própria. Partindo desse pensamento, muitas correntes emergiram e com elas críticas e conflitos de interesses. Trata-se de subsidiar, de modo específico, infundir uma maneira de enxergar e atuar na vida em sociedade, com vistas à manutenção da estrutura vigente e, quem sabe, postular a transformação social, preconizada pela transformação da escola nesse universo tão complexo.

No próximo item abordaremos sobre a constituição da identidade profissional, focando na profissão docente.

3.2 Identidade profissional do pedagogo

Discorrer sobre identidade não é uma tarefa simples, uma vez que se trata da complexidade das subjetividades humanas; entretanto podemos tecer algumas considerações sobre sua noção. Quando atentamos para o significado da palavra, vemos no dicionário que identidade diz respeito ao conjunto de características que distinguem uma pessoa. Nessa linha de pensamento Silva (2009) afirma que identidade é uma referência para diferenciação e reconhecimento. Há envolvido um sentimento de pertença àquilo com que o indivíduo se identifica e ao mesmo tempo o sentimento de exclusão daquilo que não lhe é familiar ou agradável.

Podemos dizer seguramente que existem identidades (termo no plural), pois, a depender das situações podemos assumir diferentes posições/posturas diante daquilo que precisamos desempenhar. As identidades não são construídas aleatoriamente, elas partem de outras identidades coletivas com as quais interagimos diariamente nos mais variados meios e instituições da cultura, gerando distintas representações das identidades percebidas nos seus possuidores. Vale ressaltar que esse processo ocorre de forma dinâmica entre o sujeito e o social, podendo ser modificadas com o passar do tempo, a depender das experiências de cada indivíduo.

Essa temática da identidade vem sendo ponto de pauta discursiva por várias áreas do conhecimento. Como exemplo temos na sociologia o renomado autor Stuart Hall que trata muito bem o conteúdo. Hall (2011) elenca três momentos temporais pelos quais a noção de identidade passou: o primeiro momento volta-se à racionalidade e ao equilíbrio advindos do Renascimento e Iluminismo, quando se acreditava que a identidade era estática ao longo da vida. No segundo momento a perspectiva já é modificada, passando-se a crer que ela não era fixa, mas que se adaptava às circunstâncias sociais, mediada pela interação do particular com o coletivo. O último período é na pós-modernidade, especialmente no contexto da globalização, quando a identidade passou a ser contraditória, fruto de um ser cada vez mais instável e fragmentado.

Diante de tudo isso houve uma ampliação de possibilidades para compreensão dos sujeitos. O outro ganhou destaque na constituição das novas identidades, que por sua vez, consideram em grande medida o contexto em que são geradas. Vale lembrar que há um sistema cultural que coage os indivíduos a se adequarem à dinâmica da coletividade. Com tantas mudanças na sociedade instaura-se uma crise que perpassa até o íntimo do ser, levando à perda

do “sentido de si”. Desta forma, ao estudar aspectos que envolvem a identidade, segundo Lima (2017), deve-se considerar o sujeito em seu universo de valores que abrangem a si e ao outro.

Lipiansky (1990) traz quatro pontos que auxiliam no entendimento de como se dá o processo de construção das identidades, partindo-se do pressuposto que ela é um fenômeno social, interpessoal, dinâmico e processual. Os quatro aspectos da noção de identidade são: interação social, crise, negociação e integralidade.

O primeiro ponto é a ligação da identidade com a interação social. Para isso são consideradas de grande importância as instâncias socializadoras como a escola, por proporcionarem variadas interações grupais. Aceita-se que é possível existir diferentes identidades ao mesmo tempo e a depender da necessidade elas podem ser acessadas. Isso se dá de forma um tanto conflituosa, pois são necessários ajustes internos e externos para uni-las.

Na identidade há o sentimento de pertença a algo que se identifica, é uma espécie de representação sobre si. Tem também a identidade que o outro atribui sob a ótica do que ele percebe no perfil apresentado. Isso ocorre com negociação contínua em busca de equilíbrio.

O segundo ponto diz respeito ao processo de crise na formação da identidade. Ao longo das trajetórias existem fases de crises e de superação. Com o decorrer das experiências observa-se uma certa busca por autonomia em relação aos modelos familiares, porém, em momentos de crise volta-se para as primeiras referências. Essa permanência de uma estrutura de referência auxilia na compreensão dos estudos de trajetórias e construção de identidades, ressaltando que as identidades se dão mediante as relações que estabelecemos com os outros.

Lima (2017) aponta a existência de uma identidade adquirida a partir da estrutura internalizada e outras periféricas em mediação. Ainda segundo a autora ao dar lugar a uma nova identidade a anterior jamais é totalmente retirada. O que ocorre é uma negociação, uma reconfiguração para dar sentido ao novo momento que se está vivendo.

O terceiro aspecto é a negociação, presente em todo o tempo, especialmente na contemporaneidade que proporciona a troca cultural com intensidade. As pessoas têm identificações que são transitórias, reverberando em uma identidade multifacetada, como destaca Bauman (2005). Um fator que contribui com esse quadro é a mídia e incitação ao consumo. Pode-se falar de identidade adaptada entre uma cultura local e uma global.

O quarto e último aspecto que nos ajuda a compreender o processo de construção da identidade é a tentativa de integralidade. Há uma constante busca pela integralidade, por estabilidade, segurança e isso é feito por meio dos recursos que estão disponíveis aos sujeitos em seus contextos. Ter uma identidade significa ter uma identificação diante de muitas referências.

Partindo dessas considerações mais gerais sobre a noção de identidade, podemos dizer que os processos de formação de identidades profissionais são, segundo Lima (2017), dinâmicas que se (re)elaboram com frequência tendo o intuito de confirmar ou divergir nas escolhas/posicionamentos, uma vez que os indivíduos fazem ajustes entre as identidades pessoais, sociais e profissionais no decorrer de suas vidas.

Considerando esses aspectos da formação das identidades, Hall (2009) situa a identidade como uma representação de nós, de nosso lugar e o que podemos projetar para o futuro, dentro de um contexto de relações de poder.

Assim como as representações sociais a identidade se estrutura ao mesmo tempo em condições interna e externas (coletivas), buscando equilíbrio. As identidades são referências para nos apoiar em tempos de inconstâncias e elas não ficam totalmente prontas, pois vamos nos construindo ao longo do tempo. Esse processo de construção da identidade se estabelece sem tempo determinado e em meio a relações um tanto complexas, ganhando novos significados diante das experiências singulares de cada indivíduo.

Partindo desse pressuposto de formação geral das identidades, discorreremos um pouco sobre o enfoque profissional e especificamente da profissão docente.

As profissões do ponto de vista histórico surgem a partir do desenvolvimento que suscitou a divisão especializada do trabalho. De um princípio básico de subsistência para um contexto de conotações múltiplas na vida das pessoas. A denominação profissional como a conhecemos hoje, está condicionada, segundo Parsons (1972), a um conjunto de saberes que envolvem competência (conhecimento embasado na teoria), técnica e uma imparcialidade nas tomadas de posição no âmbito trabalhista. Com o decorrer do tempo os grupos profissionais foram se articulando, fortalecendo-se, e com “apoio” do Estado foram criados estatutos que regulamentam o exercício das profissões, autorizando ou desautorizando legalmente os que poderiam exercer os ofícios ou não.

O trabalho na visão de Lima (2017), tem uma instância socializadora tal que se tornou uma referência e um elemento de diferenciação, por distinguir os que têm dos que não tem esses conhecimentos especializados, conferindo status e posição social a seus possuidores. Isso gera uma identificação partilhada pela classe que resulta em uma identidade profissional. A profissão é capaz de unir sujeitos a um sentimento de pertença, com significado próprio em cada ofício, reverberando nas demais áreas que compõem a vida dos indivíduos. Contudo, vale salientar a existência de conflitos diante das diversas realidades.

A identidade profissional de qualquer área se dá desde o surgimento da atividade, perpassando para o reconhecimento no âmbito do trabalho e socialmente. Para compreendermos as identidades profissionais atuais, precisamos considerar o percurso histórico vivenciado pela sociedade. Voltando aos primórdios da história profissional do professor, ela inicia com a ordem religiosa e isso atribuiu uma representação de vocação, caridade e privação financeira, por exemplo, que em certa medida perdura até os dias atuais. Não era necessário um conhecimento muito especializado e com o passar do tempo sentiu-se a necessidade de aprimoramento da parte didático-pedagógica.

Nóvoa (1991) situa que com a nova dinâmica social advinda do Estado na organização industrial, a educação passou a ter um papel central, sendo responsável por difundir os valores da modernidade, acarretando a laicização da escola e tudo isso afetou a identidade docente. Agora caberia ao Estado organizar toda estrutura de funcionamento da educação em todas as suas perspectivas (formação, currículo, processos etc.). Esse reconhecimento governamental da função docente distancia a ideia de vocação para apoiar-se na competência e até hoje a luta pelo reconhecimento e valorização do grupo de profissionais do magistério é viva.

No que diz respeito à constituição da identidade profissional do pedagogo, não podemos pensar que ela é fruto apenas de uma formação técnica com aprendizados de conhecimentos específicos, pois segundo Tardif (2002), o professor é um sujeito ativo que traz consigo sua história e experiência de vida que são compartilhadas na formação de outros sujeitos com os quais entra em contato.

Assim como a sociedade muda, as profissões também passam por mudanças que se refletem nas identidades profissionais. Para Lima (2017) esse processo ocorre antes mesmo da formação, uma vez que circulam socialmente discursos sobre os perfis profissionais, relacionados por exemplo à posição social, gênero, cor etc.

Nesse contexto a cultura se destaca na formação das identidades, conforme assinala Hall (1997). Essa formação ocorre continuamente, reconfigurando o que lhe faz sentido e, conseqüentemente, a prática que se realizará. É nessa linha de pensamento que nos apoiamos, é no seio social que são geradas representações e por sua vez construídas as identidades.

Não podemos deixar de mencionar a questão do sexo, conforme o que foi estabelecido historicamente pela sociedade voltado aos papéis que homens e mulheres desempenhavam, existindo uma normativa relacionada ao que era ou não aceito para atuação dos sexos. Com relação à docência, especialmente com crianças, a escolarização se deu em grande medida pela presença feminina, se tornando um ambiente mais propício às mulheres, o que reverbera no imaginário coletivo até os dias atuais.

Desta forma a identidade profissional da pedagogia foi perpassada pelas prerrogativas atribuídas a quem as praticava, conforme destaca Lima (2017). Portanto, ao considerarmos as perspectivas de docentes do sexo masculino atuando em um campo profissional composto majoritariamente por mulheres, consideraremos não apenas uma mudança de composição do corpo docente, como enfatiza Carvalho (1998), mas também toda estrutura de valores, crenças e práticas instituídas pela sociedade ao longo do tempo. Essa estrutura é de difícil modificação, contudo, não intransponível.

Com as mudanças de mentalidade decorridas da modernidade, novos significados vão sendo atribuídos, normas reconfiguradas e novos quadros se efetivam. Fazer essa reflexão contribui para ampliar o conhecimento social, desmistificar crenças cristalizadas e projetarmos vivências mais igualitárias e respeitadas nos ambientes de trabalho e na esfera social mais ampla.

3.3 A docência nos anos iniciais vista como profissão feminina

Para falar de representação social no âmbito do trabalho ou em qualquer outro espaço de convivência dos indivíduos, se faz necessário falar sobre o processo de socialização, pois ele constitui um importante fator para refletirmos sobre como os indivíduos fazem suas escolhas. A socialização de gênero especialmente nos ajudará a pensar nossa pesquisa, uma vez que os participantes estão inseridos em um espaço comumente reconhecido no imaginário social como sendo feminino.

Neste sentido, os apontamentos de Souza (2008) em sua pesquisa sobre Gênero, educação e trabalho mostram que a socialização dos indivíduos acontece mediante as vivências entre as pessoas e mais especificamente nas instituições sociais como família, escola, ciência, Estado, mundo do trabalho, mídia, religião, etc., sendo elas produtoras e reprodutoras de sentido do mundo. São nesses espaços coletivos que emergem nos discursos de julgamento da ordem dos valores sociais, criando representações gerais de aceitação ou não, da realidade como está posta.

Ainda de acordo com a autora, todas estas instituições fazem parte da socialização de homens e mulheres, independentemente da idade, inculcando no ideário coletivo as estruturas de diferenciação dos sexos, o que nos conduz a inferir que a escolha da futura profissão está diretamente ligada à socialização de gênero que cada um teve ao longo da vida.

Na mesma direção, Setton (2008) indica que a socialização visa construir um ser adaptado a um universo social específico, uma vez que nele se interioriza determinados padrões de conduta. Esse processo vivido por cada membro da sociedade ocorre por meio de transmissão, negociação e incorporação, nos termos da autora, do incalculável universo de símbolos próprios do fazer humano, o que facilita a apropriação da vida social. As relações estabelecidas pelos agentes não ocorrem sem tensões, podem ser contínuas ou marcadas por rupturas, mas apesar disso, são elas que produzem sentido do fazer e estar no mundo.

Contribuindo ainda com esta discussão, Setton (2009) aborda que a socialização se estabelece segundo padrões definidos e legitimados a priori. Vale ressaltar que essa vivência envolve a todos, em maior ou menor grau, acontecendo durante toda a vida, em todos os seus aspectos, sendo sua tarefa produzir um ser que garanta certo consenso social através de sua ação individual.

Ao se voltar sobre o gênero no curso de pedagogia, Guacira (1997) nos ajuda a entender como são processadas as relações nos ambientes institucionais, afirmando que as instituições e as práticas sociais são possuidoras de gênero. Elas são produzidas por representações, sejam elas de gênero, etnia, classe, sexual, etc. e produtoras dos sujeitos. Partindo desse pressuposto, o que teria contribuído para instituir na percepção coletiva que o trabalho nas séries iniciais é próprio de mulheres?

Para responder a esta indagação é preciso voltar um pouco ao nosso contexto histórico. Bem sabemos que a atuação feminina nos setores de trabalho formal aconteceu tardiamente,

após muitas lutas e estas continuam em vigor até hoje. O papel da mulher estava situado no cuidado do lar e dos filhos, o que disso passasse seria considerado desvio de suas funções, diz Guacira (1997). A feminização do magistério ocorreu por associarem as competências necessárias ao trabalho com as crianças, algo que já fazia parte da natureza feminina. O cuidado, a sensibilidade, e o amor fariam os alunos serem considerados seus próprios filhos. Essa representação da pedagogia na perspectiva da feminização e extensão familiar também é encontrada nos trabalhos de Carvalho (1999); Jesus e Costa (2017) e outros estudos.

Pedro (2004) contribui com a discussão ao afirmar que a missão das mães no início da expansão da escolarização envolvia civilizar, aperfeiçoar o esposo e educar os filhos para a humanidade. Podemos ver que ao longo de nossa história, a pedagogia foi se tornando propícia a mulher, constituindo a feminilidade algo inerente à profissão.

Foi nesse contexto que as mulheres ganharam espaço. Para reforçar ainda mais este campo como de identidade feminina, as novas teorias psicológicas e pedagógicas passam a considerar o afeto imprescindível na aprendizagem. Além disso, a legislação, de acordo com Guacira (1997), reafirma que as práticas escolares devem se assemelhar às relações familiares para melhor desempenho dos estudantes.

A partir da literatura mencionada acima, percebemos que a socialização é uma categoria imprescindível ao entendimento do funcionamento da estrutura social. Nessa perspectiva, podemos dizer que a representação do magistério nas séries iniciais foi construída nas relações sociais ao longo da história, com vistas nos papéis que aos indivíduos eram destinados.

No próximo capítulo veremos o aporte teórico-metodológico escolhido para subsidiar nossa investigação. Nele encontraremos a teoria das representações sociais, o percurso metodológico com campo, participantes e os procedimentos de coleta e análise dos dados.

4 APORTE TEÓRICO – METODOLÓGICO

4.1A Teoria das Representações Sociais (TRS)

Discorreremos a seguir sobre a Teoria das Representações Sociais (TRS), por se constituir uma rica linha de pesquisa que nos permite fazer significativas inferências acerca do objeto de estudo desta pesquisa, buscando compreender os fenômenos sociais. A teoria foi

desenvolvida pelo psicólogo social romeno Serge Moscovici, uma importante ferramenta da psicologia social para tratar de diversas questões sociais. A psicologia social é um elemento vital das ciências sociais.

Segundo Celso e Angela (2000), a Psicologia Social foi o campo que deu origem à TRS no Brasil, possuindo a produção majoritária de trabalhos e nas áreas de interface a educação é a campeã nas produções.

De acordo com Alexandre (2004), a teoria de Moscovici se originou na sociologia e na Antropologia, tomando como base os escritos principalmente dos autores: Durkheim, Piaget, Lévy-Bruhl, Vygotsky e Saussure.

Moscovici parte do conceito de *representações coletivas* elaborado pelo sociólogo francês Émile Durkheim para criação de sua teoria apresentada na obra *A Representação Social da Psicanálise* em 1961. A diferença entre os conceitos de *representações coletivas* e *representações sociais* para a compreensão social consiste na medida em que a *representação coletiva* de Durkheim é um conceito estável, voltado para a coesão e preservação do todo contra a fragmentação. Já na *representação social* de Moscovici vemos um conceito mais dinâmico, orientado para as mudanças que ocorrem na sociedade.

Segundo Jodelet (2001), Moscovici propiciou uma renovação para a perspectiva de análise sobre as representações proposta por Durkheim, ampliando as possibilidades de avanço científico para contribuir com o social. Na obra de Moscovici (2015) percebemos que ele assim como Durkheim partilhava da ideia que para explicar um fenômeno social era preciso considerar tanto o fator psicológico quanto o social, ao invés de excluir um desses fatores como o fazem alguns autores. Desde o surgimento da noção da Teoria de Representação Social advinda de Durkheim com as *representações coletivas*, muitos foram os momentos em que ela parecia ter ficado no esquecimento, porém, após uma década Moscovici à luz da psicologia social retoma-a e desta vez para ser consagrada nas ciências humanas em uma vasta corrente de pesquisa.

Celso e Ângela (2000) destacam que a TRS chega ao Brasil e em outros países latino-americanos como uma possível resposta aos problemas de ordem profissional e social de maneira geral. Esta teoria ganhou espaço e vem se expandindo no cenário acadêmico pelo fato de possibilitar sua união com outras teorias nas quais os pesquisadores já demandavam seus esforços, trazendo novo olhar para as questões provenientes de múltiplas áreas do conhecimento social e isso não somente por meio de dados objetivos, mas também de interesses afetivos, correlatos à vida social da humanidade.

Abordaremos um pouco sobre a definição do fenômeno da Teoria das Representações Sociais, a partir de constructos de autores que tratam dessa temática. A representação é uma atividade mental que reconstrói a realidade relacionada aos objetos, dando-lhe significados a partir das referências que se têm. Essa reconstrução auxilia na interpretação e orientação das pessoas no mundo por meio da comunicação. Por serem as representações próprias do fazer humano, elas são passíveis de modificações na forma como se estruturam as percepções e ações dos membros da sociedade.

Em Jodelet (1985), vemos que as representações sociais são categorias de conhecimento prático que direcionam tanto a compreensão da realidade (no campo material e no ideológico), quanto as ações concretas; o que seria elaborado, aceito e vivido socialmente com certa naturalidade.

Xavier (2002) contribui com a discussão ao afirmar que as representações sociais são mecanismos de interpretação e ação da realidade. Isso ocorre a partir das múltiplas experiências interiorizadas ao longo da vida, o que cria uma espécie de modelo de conduta social. Para a autora, esse conhecimento é relevante para fundamentar as ações das pessoas nos diversos espaços de convívio dos atores sociais.

Conforme Abric (1994), as representações sociais possuem quatro funções: *saber*, *identidade*, *orientação* e *justificação* das condutas. A função de *saber* possibilita compreender e explicar a realidade; a função *identidade* protege o sistema de crenças partilhado por determinado grupo, distinguindo-os dos demais e assim mantendo o equilíbrio; a função *orientação* atua como guia das condutas e práticas e a função *justificadora* serve como explicação dos comportamentos e decisões realizadas tanto por sujeitos quanto por grupos em suas mais variadas ações.

A teoria das representações sociais desde que surgiu em 1961, com Moscovici, foi desdobrando-se e atualmente tem quatro abordagens para aplicação no trabalho. No Quadro 1 veremos seus propositores e um pouco da síntese de cada uma delas.

Quadro 1 – Abordagens da Teoria das Representações Sociais

Abordagens da Teoria das Representações Sociais			
Estrutural	Processual	Societal	Dialógica
<p>Abric e Flament</p> <ul style="list-style-type: none"> - Analisa o conteúdo e a organização das representações sociais. - Acredita que as RS possuem um núcleo central e um sistema periférico. - Enfatiza o processo de objetivação. 	<p>Moscovici e Jodelet</p> <ul style="list-style-type: none"> - Analisa o processo de origem e transformação das representações sociais. - Enfatiza os processos de objetivação e ancoragem. 	<p>Doise</p> <ul style="list-style-type: none"> - Analisa o contexto em suas relações sociais e reprodução da comunicação entre os grupos. - Enfatiza o processo de ancoragem. 	<p>Markova</p> <ul style="list-style-type: none"> - Analisa a relação entre linguagem, comunicação e as representações sociais.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Dentre as abordagens mencionadas acima, optamos para este estudo a abordagem processual proposta por Serge Moscovici e Denise Jodelet, considerando-a adequada pela natureza do estudo, o objeto e público participante da pesquisa.

A abordagem processual também chamada de dinâmica, é a perspectiva que mais se aproxima da proposta iniciada por Moscovici. Ela enfatiza as três dimensões das RS: a *informação*, a *atitude* e o *campo*, com base nos processos de objetivação e ancoragem, por buscar compreender a formação e transformação das representações sociais. Vejamos mais detidamente esses conceitos:

Partindo das considerações de Moscovici (1978; 2012), podemos afirmar que as dimensões consideram que toda representação está fundada em: uma *informação*, ou seja, um conteúdo compartilhado pelo grupo em relação a determinado objeto; uma *atitude* que está relacionada à orientação das condutas sobre o objeto em questão, e um *campo*, que se refere aos elementos já consolidados nas representações nas diversas áreas, aquilo que é “aceito e vivido” coletivamente.

A representação surge na comunicação, no diálogo, na troca de ideias entre as pessoas sobre qualquer o objeto. Essa troca de informações permite aglomerar uma série de entendimentos, que façam sentido ao meio social ao qual se pertence, e a partir delas se instaura no imaginário coletivo de forma natural, a representação sobre determinada coisa que vai direcionar as condutas dos indivíduos para que haja certa coerência na vida coletiva.

Muitos são os autores que discorrem sobre o tema. Todavia, ao fazermos uma análise geral percebemos que as representações partem daquilo que é vivenciado pelas pessoas, portanto, elaboradas a partir de referências distintas, o que conduz a percepções de mundo diferenciada e conseqüentemente externada (ações) sob valores divergentes.

As representações sociais são sempre complexas e inscritas dentro de um referencial de conhecimentos preexistentes. Esses saberes servem de base para compreensão, apropriação do

novo e conseqüentemente adotar visões consensuais de ação que lhes permitem manter um vínculo social e continuidade a comunicação da ideia.

Todos os nossos discursos, crenças e representações provêm de muitos outros discursos e representações elaboradas antes de nós. Os discursos não são fixos, neutros, até mesmo o acadêmico tem vínculo com o comum. Nos discursos emergem sistemas de contraste entre campos sociais e seus conteúdos geram oposições. Sá (1998) em seu livro destaca o pensamento de Jodelet ao enfatizar que os discursos mantêm as representações, os comportamentos e práticas sociais como suportes pelos quais as representações circulam no cotidiano da sociedade.

Vale salientar que não é qualquer tipo de discurso e de saber que se torna uma representação social. Esses conhecimentos precisam segundo Sá (1998), ter certa sistematização, relevância cultural e estarem inseridos com vigor nas práticas dos grupos para a aceitação coletiva se consolidar.

Para compreender como as representações sociais são formadas, precisamos conhecer dois processos: *objetivação* e *ancoragem*. Eles permitem a apropriação dos objetos pelos membros da sociedade e a consolidação desse conhecimento, sob determinado ponto de vista que não é o único, mas válido para tomada de posicionamento dentro do que é possível ter acesso. Considerando que a socialização dos sujeitos ocorre de forma diversificada nos meios sociais, pois é nesses meios que nossas referências de percepção, crenças, valores são construídas acerca dos objetos, assim nossa natureza racional elabora, reelabora, cria e recria a realidade constantemente.

A *objetivação* é um processo que reelabora as informações recebidas, privilegiando determinados aspectos dos objetos em relação a outros. Sua função é tornar familiar o que é desconhecido, ou seja, pega o conceito abstrato e o transforma em algo mais acessível como imagens, por exemplo.

Esse processo segundo Jodelet (2001), divide-se em três fases: construção seletiva, esquematização estruturante e naturalização. Na primeira fase os indivíduos acessam seus conhecimentos prévios para se referenciar em relação aos objetos, na segunda fase esse conhecimento é transformado, aprimorado e por último, os elementos do centro figurativo são trazidos para a realidade do objeto como naturais. Em síntese o esquema simplificado seria, acesso – transformação e naturalização do conhecimento. Não deixando de mencionar o papel fundamental que a comunicação desempenha nessa dinâmica de consolidação dos conhecimentos, assim como a origem social dos sujeitos para selecionar os elementos que farão parte da representação.

Já na *ancoragem* o objeto se associa a conhecimentos preexistentes na sociedade, formando um sistema de significados sobre ele. Nesse momento são ligados ao objeto valores e práticas conhecidas que circulam no meio social. E assim as representações são construídas, partindo das referências que estão disponíveis, ressignificando o conhecimento a partir das crenças dos indivíduos e por fim consolidar a representação sobre determinado objeto que será “aceita” socialmente e tudo isso acontece de maneira simultânea e interdependente.

Desta forma, ancorar é um processo de fora para dentro e objetivar de dentro para fora; ou seja, a partir do mundo físico (exterior) os sujeitos abstraem suas percepções, as processam, reelaboram e em seguida exteriorizam o resultado de sua abstração, tornando esse conhecimento uma referência para situar, ilustrar e comparar outros saberes que precisam de uma estruturação.

Diante do exposto, podemos afirmar que as representações sociais são entendidas no seu contexto de produção. Elas são construídas dentro das culturas considerando o universo de símbolos e significados apreendidos pela subjetividade por meio dos diferentes espaços em que os agentes circularam e o tipo de relação que foi estabelecida nesses círculos. Isso tudo induzirá a maneira de se perceber e se posicionar no mundo.

Abric (1994) acentua que nas interações sociais não há separação entre sujeito e objeto na Teoria das Representações Sociais, pois o objeto faz parte do comportamento cotidiano do sujeito. Esse autor elenca que a representação funciona como sistema sociocognitivo contextualizado, por ser o sujeito ativo, produtor de representações dentro do contexto social onde elas são elaboradas coletivamente.

Moscovici destaca a importância do conhecimento engendrado pelo senso comum como um saber válido, tido em grande medida pelo meio acadêmico e científico com certo descrédito. Reconhece as limitações advindas desse saber, todavia ressalta a riqueza de informações produzidas que influenciam as crenças acerca do mundo e daquilo que é aceito, desejado ou que deva ser em alguma instância modificado. Moscovici usa esse conhecimento oriundo do senso comum para subsidiar a teoria das Representações Sociais e fazer uma leitura científica da realidade. Por ser uma nova perspectiva epistemológica, encontra bastante resistência nos diferentes setores acadêmicos, como coloca Nilma (2004).

Moscovici ao elaborar uma teoria que valoriza o conhecimento advindo do senso comum, evidencia como as pessoas buscam interpretar e explicar os saberes de sua realidade, sejam eles científicos ou não, para darem sentido aos fenômenos e objetos e vivenciá-los no cotidiano, pois conduziram do universo reificado, abstrato para o prático. Cabe destacar que apesar de as representações serem elaboradas socialmente, nem sempre é consenso, existem

divergências e conflitos entre os grupos pelo fato de a diversidade e complexidade serem inerentes ao ser humano; mas diante do conflito é necessária uma postura prática, então, opta-se por “aceitar” o ponto de vista que mais se aproxima de crenças e juízos de valores da maioria.

Jodelet (1989; 2001) assim como Moscovici considera o “saber do senso comum” tão legítimo quanto o conhecimento científico, por sua relevância na vida comunitária em esclarecer os processos cognitivos e suas interações sociais. Marková (2017) contribui com a discussão ao explicar que o conhecimento científico se apoia nos fatos, já o conhecimento comum no consenso e ambos são baseados na razão; considerando que o sujeito é ativo no processo de apropriação da realidade e não um mero executor.

Diante desse contexto emergem teorias populares, uma vez que quando não se tem informações científicas sobre determinado objeto, cria-se no meio social uma série de tentativas explicativas que façam “sentido” para compreender e se posicionar ante o fenômeno. Essas tentativas explicativas surgem geralmente no contexto em que o episódio se desenvolve e sua disseminação se dá por meio do discurso. Esse conhecimento um tanto especulativo serve de subsídio para o desenvolvimento do conhecimento científico e assim poderemos melhor lidar com o fenômeno em questão.

A importância de utilizar a Teoria das Representações Sociais no campo educativo, demais áreas do saber e na sociedade de maneira geral, consiste em melhor compreender as relações, práticas, os processos simbólicos que se materializam nos comportamentos e acontecimentos das sociedades contemporâneas, ampliando a discussão sobre seus problemas para melhor lidar com eles.

A perspectiva teórica de estudo das representações sociais no campo educacional possibilita se voltar para a realidade e unir o conhecimento científico com o senso comum, considerando que as representações que circulam nas instituições advêm em grande medida dos saberes oriundos do senso comum, fruto dos fatores: cognitivo, afetivo e social constituintes dos sujeitos. Para essa compreensão é necessário situar os indivíduos historicamente como integrantes de uma sociedade cultural, econômica e política, segundo Moscovici, como traz Nilma (2004) em seu texto.

Especificamente no âmbito educacional, estudar as representações de professores e demais agentes do processo educativo se faz relevante na medida em que permite conhecer as imagens do mundo profissional através do olhar de quem as vivencia na prática e não somente de ouvir sobre e uma vez conhecendo essas realidades é possível ter a oportunidade de desenvolver estratégias de melhorias em seus diversos aspectos. Esse se constitui também o papel da educação, refletir sobre ela mesma, propor as mudanças necessárias e contribuir para

a formação humana, dentro de uma cultura global.

Não se pode desconsiderar a multiplicidade de fatores que interferem no processo educativo, neste sentido, considerar as representações do público anteriormente mencionado é considerar não somente um grupo singular, mas também uma esfera social mais ampla, sua subjetividade e referências que precedem as condutas, o que tem tudo a ver com o âmbito educativo.

Estudar as RS é considerar a pluralidade, a riqueza que há no fazer humano ao considerar tanto o aspecto individual quanto o social. De fato, isso é no mínimo desafiador, mas algo válido do empreendimento. É sob este ponto de vista que se situa o desenvolvimento desta pesquisa, confiante que sua execução trará consideráveis contribuições não apenas para o campo educacional, mas também para a esfera social de uma forma geral.

4.1.1 Percurso metodológico

Esta etapa da pesquisa junto com o aporte teórico visa responder as questões de pesquisa, alcançando os objetivos propostos. Morse (2000) traz que o percurso metodológico é orientado pela natureza do estudo. Sendo assim, escolhemos a abordagem qualitativa para subsidiar o percurso deste trabalho, situando especificamente no campo da TRS (com a abordagem processual) por ser uma teoria que privilegia o aspecto simbólico dos sujeitos.

Para Baracat (2007), a metodologia na abordagem qualitativa considera que o mundo social é construído, interpretado e experienciado mediante os sentidos atribuídos pelo homem a sua realidade; sendo repassados por meio da linguagem. Minayo (2017) contribui com a discussão destacando que as pesquisas qualitativas buscam a intensidade dos fenômenos sociais, valorizando as singularidades e significados que os indivíduos conferem à sua existência. Nesta concepção é considerada a dimensão sociocultural expressada através das subjetividades dos sujeitos, suas formas de compreender, representar, agir e se relacionar nas diversas situações do cotidiano. Tentar apreender a realidade não é uma tarefa simples, pois segundo Baracat (2007) essa realidade é complexa e constituída por muitas vozes e é pensando em dar visibilidade aos discursos dos pedagogos que pretendemos desenvolver este estudo.

É sob este olhar que situo este percurso, considerando as subjetividades dos professores que atuam nos anos iniciais, materializadas em suas representações. Para isso os procedimentos estão divididos em campo empírico, participantes da pesquisa e procedimentos e instrumentos utilizados para coleta e análise dos dados.

4.2 Campo empírico

O campo empírico se refere ao espaço onde os sujeitos são contatados para a realização da pesquisa. O estudo foi desenvolvido nas redes municipais de ensino na região Metropolitana do Recife e interior do estado de Pernambuco, considerando o quantitativo de sujeitos existentes no estado. Para as cidades escolhidas para a coleta dos dados nos baseamos no quantitativo que representasse em torno de 10% da amostra em cada cidade.

Para termos um panorama geral do nosso campo empírico, buscamos conhecer a divisão territorial do estado de Pernambuco. De acordo com o IBGE, o estado é composto por cinco mesorregiões e dentro dessas mesorregiões estão 19 microrregiões. Observemos no Quadro 2:

Quadro 2 – Mesorregiões e microrregiões do estado de Pernambuco

Mesorregiões	Microrregiões
Sertão Pernambucano	Araripina Salgueiro Pajeú Sertão do Moxotó
São Francisco Pernambucano	Petrolina Itaparica
Agreste Pernambucano	Vale do Ipanema Vale do Ipojuca Alto Capibaribe Médio Capibaribe Garanhuns Brejo Pernambucano
Mata Pernambucana	Mata Setentrional Pernambucana Vitória de Santo Antão Mata Meridional Pernambucana
	Itamaracá
Metropolitana de Recife	Recife Suape Fernando de Noronha

Fonte: Elaborado com base nos dados disponíveis no site do IBGE

Partindo dessa visão geral, considerando o tempo de curso de uma pesquisa de mestrado, não seria possível a realização da pesquisa em nível estadual. Por essa razão escolhemos para campo de pesquisa deste estudo as microrregiões Recife e Vitória de Santo Antão.

No Quadro 3 veremos os municípios que fazem parte das duas microrregiões escolhidas para a coleta de dados, segundo dados disponíveis no site do Ministério da Educação.

Quadro 3 – Municípios das microrregiões Vitória de Santo Antão e Recife - PE

Microrregiões	Municípios
Vitória de Santo Antão	Glória do Goitá Pombos Chã de Alegria Vitória de Santo Antão Chã Grande
Recife	Abreu e Lima Moreno Camaragibe Olinda Recife São Lourenço da Mata Paulista Jaboatão dos Guararapes

Fonte: Elaborado com base nos dados disponíveis no site do MEC

Estas escolhas se deram por serem microrregiões que contêm municípios da região Metropolitana e interior do estado e assim acreditamos serem suficientes para responder as questões de pesquisa.

Na microrregião Recife optamos pela cidade do Paulista (região Metropolitana do estado) para a coleta dos dados por ser um dos municípios que mais tem pedagogos atuando nos anos iniciais, segundo dados encontrados no site do MEC. Além disso, é o município onde sou servidora, o que facilita a minha circulação para a realização da pesquisa de forma mais tranquila.

Com relação à microrregião Vitória de Santo Antão (interior do estado), a escolha deste município ocorreu por ser o local com maior concentração de pedagogos atuando nos anos iniciais, segundo dados disponíveis no site do MEC em 2021 e por ser o local onde resido, tornando-se assim mais propício o contato com os participantes da pesquisa.

Para nos situarmos quanto as localidades escolhidas para campo de coleta dos dados, vamos conhecer brevemente os municípios de Paulista e Vitória de Santo Antão.

Paulista, segundo o site da prefeitura, é um município que faz parte da região Metropolitana do estado de Pernambuco. Está localizado ao norte da capital Recife em aproximadamente 19 quilômetros. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) seu território ocupa uma área de 92,52 km², com população estimada de 316.719 habitantes.

Paulista era um vilarejo que formava parte da vila de Olinda. Em 1689 parte de suas terras foram vendidas ao bandeirante paulista, Manuel Alvares de Moraes Navarro, conhecido como “Paulista”, dando origem ao atual nome da cidade. Séculos posteriores caracterizaram-se pelo crescimento político e econômico da cidade e a partir de 1936 o seu distrito se converteu

em município independente.

As atividades que hoje predominam na cidade estão ligadas ao setor de serviços, comércio e indústria. A cidade do Paulista conta com rica diversidade de turismo, vejamos alguns deles:

Praias – Janga, Pau Amarelo, Maria Farinha, Pontal de Maria Farinha, Conceição, Nossa Senhora do Ó, Enseadinha. Com sua faixa litorânea contendo 14 km de areia, as praias fazem parte do maior polo de lazer náutico do Nordeste.

Outros pontos turísticos são: Forte de Pau Amarelo, Parque do Janga (reserva florestal), Rio Timbó, Centro Histórico Consolidado, Parque Aquático (Veneza Water Park); além destes tem hotéis, restaurantes, shopping, colônia de pescadores e construções que recontam a história do Brasil desde o período colonial.

Alguns eventos acontecem anualmente como: Passeio ciclístico, Corrida de jangadas, Celebração das datas comemorativas, Apresentação de ciranda na praia, Festival nordestino de poetas repentistas, Circuito pernambucano de vôlei de praia etc.

Com relação à educação, a cidade conta com grande número de escolas públicas, privadas, instituições de ensino superior e escolas técnicas.

Vitória de Santo Antão de acordo com o site de sua prefeitura, é um município que faz parte do interior do estado de Pernambuco. Está localizado no Planalto da Borborema a aproximadamente 49 quilômetros de distância da capital Recife. De acordo com dados do IBGE, seu território ocupa uma área de 368 km², com população em torno de 140.000 habitantes.

Em 1812 Vitória foi desmembrada de Olinda. Em 1843 passou a ser cidade e sede do município. Em 1943 o município de Vitória passou a denominar-se Vitória de Santo Antão devido à vitória dos pernambucanos sobre os holandeses. Em 3 de agosto de 1945 Vitória foi sede da Batalha do Monte das Tabocas, um dos primeiros episódios da Insurreição Pernambucana, movimento responsável pela expulsão dos holandeses do território brasileiro.

O município de Vitória concentra importantes bacias hidrográficas da zona da mata do estado. Seus principais rios são: Itapacurá, Pirapama, Jaboatão e Ipojuca. As atividades que predominam na cidade estão ligadas ao comércio, feira livre, agricultura e indústria.

No aspecto cultural a cidade conta com entidades públicas e privadas que se ocupam com a preservação, pesquisa e divulgação de sua tradição, a saber: Instituto Histórico e Geográfico, Museu do Carnaval, Casa de Cultura Osman Lins, Academia Vitoriense de Letras, Artes e Ciência, VidArt e Cia dos Dez.

Possui também três emissoras de rádio e 2 canais de televisão: TV Vitória, TV Nova

Nordeste, Vitória FM, Tabocas FM e Atual FM. Revistas e jornais: Revista do Instituto Histórico e Geográfico, Revista Total, Jornal a Verdade, O Vitoriense (órgão oficial do Instituto Histórico), Jornal da Vitória, Blog Nossa Vitória, Blog do Pilako e Blog a Voz da Vitória.

Em sua estrutura física dispõe de quadras, campos com duas equipes: Acadêmica Vitória e Vera Cruz, restaurante com variada cozinha típica e regional, etc. Possui um diversificado carnaval, polo de festas juninas e festividades religiosas, pois Vitória é uma cidade essencialmente religiosa e tradicionalmente cristã, com predominância de católicos e evangélicos.

Por fim, na educação a cidade dispõe de várias escolas públicas e privadas, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE - Centro Acadêmico de Vitória CAV), Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco (IFPE) e faculdades privadas.

Após conhecermos nosso campo empírico, partiremos para os participantes da pesquisa com um olhar sobre o quantitativo de pedagogos atuando nos anos iniciais, incluindo a educação infantil em relação ao quantitativo dos municípios e da amostra, bem como a forma de contato e procedimentos.

4.3 Os participantes da pesquisa

Charmaz (2006) sinaliza que o tamanho da amostra precisa considerar a extensão e complexidade do objeto. Para conhecermos a extensão de nossa amostra, realizamos a princípio um levantamento para sabermos o quantitativo de sujeitos que teríamos para a realização da pesquisa. Esse levantamento se deu da seguinte forma: foram identificados no site oficial do Ministério da Educação (MEC), dados referentes ao quantitativo de pedagogos por sexo atuando no estado. Como resultado encontramos no Censo da Educação Básica de Pernambuco de 2021 (o mais atual divulgado) os números: 369 pedagogos atuando na educação infantil e 2.677 no ensino fundamental. Apesar de esse público ser expressivamente a minoria do quantitativo geral entre os sexos dos professores atuando nos anos iniciais, não podemos desconsiderar esses números que merecem um olhar analítico acerca das questões que perpassam esses profissionais.

O público-alvo da pesquisa é constituído por pedagogos que atuam nos anos iniciais nas redes municipais do estado. Conhecendo o panorama de nosso público, entramos em contato com as respectivas secretarias de educação dos municípios com apresentação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), a fim de expor nosso estudo e solicitar a colaboração das redes para desenvolvimento do mesmo. Solicitamos nos municípios o real quantitativo de pedagogos do sexo masculino que atuavam nos anos iniciais, contudo, não nos

foi concedido o número exato.

No município de Vitória de Santo Antão, nos foi informado que o quantitativo de 52 professores disponibilizado no site do MEC na Sinopse Estatística da Educação Básica de 2021 não mais correspondia à realidade, existindo menos de 20 professores do sexo masculino atuando nos anos iniciais. No município de Paulista, no mesmo site constavam 123 pedagogos do sexo masculino atuando nos anos iniciais, mas na secretaria de educação não nos foi disponibilizado o quantitativo atualizado. Todavia, como sou servidora na rede, tenho contato com outros colegas de profissão e sabia que havia um número expressivo de pedagogos atuando nos anos iniciais e assim seria possível a realização da coleta dos dados com nosso público-alvo.

A amostra que inicialmente seria em torno de 10% do quantitativo geral de pedagogos atuando nos anos iniciais, segundo dados encontrados no site do MEC em 2021, passou a ser 25% no município de Vitória de Santo Antão, correspondendo a cinco professores participantes da pesquisa. No município de Paulista, como não sabíamos o quantitativo real de pedagogos atuando nos anos iniciais, optamos por realizar a coleta com dez professores, totalizando quinze pedagogos na amostra.

O contato com os pedagogos participantes da pesquisa foi solicitado nas secretarias de educação dos municípios participantes do estudo. No município de Vitória de Santo Antão nos concederam uma autorização para a realização da pesquisa nas escolas e o contato de alguns dos pedagogos em atuação nos anos iniciais. No município de Paulista, nos foi informado que não poderiam conceder o contato dos professores por ser uma informação sigilosa, mas forneceram nomes de escolas que tinham pedagogos atuando nos anos iniciais e o contato dos gestores para o desenvolvimento da pesquisa. Além dessas informações, eu tinha contato com alguns colegas pedagogos da rede e estes me encaminharam para outros colegas e assim conseguimos dar andamento à pesquisa.

4.4 Procedimentos e instrumentos utilizados

Os procedimentos e técnicas que serão descritos a seguir, estão de acordo com o referencial teórico-metodológico escolhido para subsidiar esta investigação, no caso a Teoria das Representações Sociais. Dentre as abordagens em que a teoria se desdobra a escolhida foi a processual, proposta por Denise Jodelet. Vejamos:

Após o contato inicial com os sujeitos, a coleta foi realizada nas escolas onde os professores trabalhavam em data e horário escolhidos pelos participantes da pesquisa.

Iniciamos a coleta explicando a pesquisa, entregando o TCLE para os professores com a coleta de sua assinatura autorizando a utilização dos dados a serem fornecidos. Após esse momento inicial começamos com um questionário contendo questões fechadas para conhecermos o perfil socioeconômico e acadêmico-profissional dos participantes para termos uma visão ampla do público da pesquisa no tocante às suas trajetórias, para compreendermos melhor as representações hoje consolidadas acerca da docência. Em seguida realizamos entrevistas semiestruturadas com questões abertas para enriquecer os dados e nos aproximarmos ainda mais do campo que envolve as representações sociais.

4.4.1 Entrevistas semiestruturadas

Para Minayo (2017), o foco dos estudos qualitativos consiste em aprofundar os fenômenos humanos. Com essa intenção realizamos entrevistas semiestruturadas. Minayo (2012) acredita que a base dos estudos qualitativos está no senso comum, e este envolve opiniões, crenças e valores que se expressam por meio da linguagem e da conduta etc. Ao adotarmos a TRS como suporte teórico-metodológico para esta investigação, reconhecemos que ela valoriza este senso comum como uma manifestação do coletivo no individual. Desta forma consideramos a subjetividade dos professores que atuam nas redes municipais de Pernambuco, sobre suas representações sociais acerca do ser professor dos anos iniciais.

Por meio da entrevista semiestruturada é possível refletir sobre aspectos que outros instrumentos não conseguiriam, ouvindo os entrevistados de maneira mais livre e menos sujeita a interferências, como é o caso das perguntas fechadas. Autores como Lodi (1991) e Mann (1975) definem o termo entrevista como o processo de interação entre pessoas, portanto está sujeita à ética dos relacionamentos. Sendo assim a entrevista precisa ser uma experiência agradável, com local, data e horários à escolha dos participantes do estudo. A realização da entrevista aconteceu de forma presencial nas escolas em que eles atuavam, em seus respectivos horários de trabalho.

Ao evidenciar as experiências dos sujeitos da pesquisa através das entrevistas, conhecemos as vivências tanto individuais quanto coletivas deles, pois segundo Norbert Elias (1994) as identidades pessoais são unidas às sociais, ou seja, nos constituímos coletivamente enquanto sujeitos, influenciando e sendo influenciados, pois os grupos e a sociedade são espaços que interagem e redes que se comunicam.

4.4.2 A análise de conteúdo

O percurso analítico segundo Minayo (2012), tem o sentido de tornar possível a objetivação de conhecimentos subjetivos.

Apesar de sabermos o quão necessário é um planejamento prévio, para Minayo (2017) esse processo de trabalho no campo deve ser flexível para melhor aproximação do objeto estudado. E como diz Bachelard (1990), a ciência se faz por aproximações, considerando seu caráter provisório e inacabado, quando se trata de pesquisas qualitativas.

Para auxiliar no tratamento dos dados, utilizamos a análise de conteúdo sugerida por Bardin (2011), por meio de transcrição e categorização dos elementos presentes nas falas.

Por meio do questionário e da entrevista semiestruturada foi possível verificar o perfil, identificar e compreender as representações sociais dos pedagogos que trabalham nas redes municipais do estado de Pernambuco, acerca da docência masculina nos anos iniciais e analisarmos as motivações para a escolha profissional, bem como suas perspectivas futuras. Desta forma, foi possível traçar um paralelo do que é encontrado na literatura e o que esses profissionais vivenciam na prática.

5 ANÁLISE DOS DADOS

5.1 Perfil dos professores participantes da pesquisa

Antes de adentrar na análise dos dados, é importante considerarmos quem são os participantes de nossa pesquisa, pois é a partir das realidades vivenciadas em suas trajetórias que as representações sociais são construídas, interpretadas e postas em prática por meio das condutas.

Nossa amostra é composta por professores do sexo masculino (100%). Quanto à faixa etária, a maioria encontra-se entre 30 e 38 anos, correspondendo a 47%, seguidos de 33% entre 42 e 49 anos, 13% entre 51 e 53 e 7% com 29 anos.

Indagamos sobre a profissão de seus pais ou pessoas que foram responsáveis por eles, como resultados das mães temos: 33% professoras, 20% agricultoras, 20% donas de casa, 13% funcionárias públicas em cargos administrativos e 13% técnicas na área de saúde.

Com relação aos pais 27% são agricultores, seguidos de 20% funcionários públicos em cargos administrativos, 13% funcionários em empresas privadas, 7% comerciário, 7% marceneiro, 7% pedreiro, 7% motorista, 7% vendedor e 7% militar.

Desse cenário podemos concluir que por a maioria das mães serem professoras, elas puderam exercer uma influência direta na escolha da profissão desses professores de nossa amostra. Já no caso dos pais, a maioria exerce funções de cunho manual, em detrimento das atividades intelectuais (que necessitam de um maior nível de qualificação), que por sua vez, carregam menor remuneração e prestígio social. Podemos inferir que esses professores tiveram oportunidades escolares mais favoráveis (que seus pais) ao prolongamento de sua escolarização e conseqüentemente almejavam profissões com maior remuneração e prestígio social que as de seus pais.

Em relação à formação inicial desses profissionais, observamos que 93% possuem o curso de graduação em pedagogia e apenas 7% o curso de Magistério (requisito mínimo para atuação nos anos iniciais da escolarização). Do quantitativo geral de nossa amostra, 73% possuem (ou está em andamento) outro curso de graduação além da pedagogia. 60% em outros cursos de formação docente (licenciaturas diversas: letras, geografia, história e matemática), 7% bacharelado em geografia e 7% bacharelado em direito.

Além desta formação inicial, 100% dos professores possuem algum curso de pós-graduação, sendo que destes cursos 53% (mais da metade da amostra) são na área de gestão no âmbito educacional. Canêdo (2004) analisando as escolhas científicas de homens e mulheres na academia destaca que há uma tendência dos sexos se voltarem aos espaços que reconhecem como seu na estrutura social. Outro estudo que nos ajuda a entender essa escolha é a pesquisa de Rita, Valéria, Fátima e Paulo (2017), ao explorar o campo de atuação que os estudantes de pedagogia do sexo masculino pretendem seguir. A pesquisa mostra que os estudantes preferem desde a graduação áreas pedagógicas voltadas à direção, coordenação e supervisão, outras áreas que a pedagogia comporta, ao invés da docência propriamente dita.

Também encontramos 33% dos professores com curso técnico, 13% curso de mestrado (7% concluído e 7% em andamento) e 7% curso de tecnólogo. Diante desta realidade podemos compreender que a formação continuada é de fundamental relevância para os profissionais de educação, considerando que os títulos são elementos de pontuação nos concursos para o trabalho com a docência.

Perguntamos aos professores sobre seu tipo de vínculo empregatício e descobrimos que todos 100% são efetivos em suas respectivas redes de trabalho, nas quais ingressaram por meio de concurso público. Um professor de nossa amostra do município de Vitória de Santo Antão confessou que quando ele era contratado não estava satisfeito, mas agora que é efetivo está.

Ao questionarmos sobre a turma em que atuavam e como foi feita a escolha, verificamos a predominância de 73% está atuando nos anos finais (4º e 5º anos) do ensino fundamental I.

Na educação infantil 13%, sendo que deste percentual 7% estão em sala multisseriada e 13% nas turmas de 1º ao 3º ano.

Do total destes professores atuantes nos anos iniciais, 33% trabalham com a docência também em um segundo turno. 13% com turmas dos anos finais do ensino fundamental II, 7% no ensino médio, 7% em cursos de graduação e 7% em sala de recursos multifuncionais.

Fazendo um paralelo entre as turmas em que esses professores atuam e como essas escolhas foram feitas, vemos que no momento da lotação ao ingressarem nas suas redes de ensino, 40% da escolha da turma em que iriam atuar foi feita pela secretaria de educação, 33% foi opção deles e 27% foi escolha da escola onde desempenhariam sua função. Quando observamos a realidade do município de Paulista, a pessoa responsável pela lotação dos professores relatou que a rede opta por inserir os professores do sexo masculino nos anos finais, explicando que outrora teve problema com professor do sexo masculino nos primeiros anos e por ser uma escolha deles. Contudo, dentro desse contexto tem exceção: um professor da nossa amostra docente do ensino infantil já vinha desenvolvendo um trabalho com esse público desde a sua graduação, pediu essa oportunidade e lhe foi concedida.

Ao serem indagados se conciliavam o trabalho docente com outra atividade (remunerada ou não), 73% não conciliavam e 27% conciliavam. Destes que conciliavam, 13% desenvolviam atividades de cunho administrativo em espaços educacionais, 7% intérprete de libras e 7% em atividade distanciada da educação, a saber, relojoeiro.

Quanto ao tempo de trabalho com a docência, 53% possuem entre 4 e 9 anos, 27% entre 10 e 18 anos e 20% entre 20 e 28 anos de experiência docente. Esses dados nos revelam que estes professores dos anos iniciais das redes públicas de ensino de Pernambuco, possuem em sua maioria vasta experiência como docente.

Verificado o perfil dos professores desta pesquisa, podemos compreender que as representações sociais sobre o ser professor do sexo masculino nos anos iniciais podem variar a partir de sua formação, tipo de vínculo empregatício, tempo de experiência, ou outro fator. O próximo ponto do texto trata da análise das entrevistas que está organizada em três partes: a escolha pela pedagogia, representações sociais acerca da docência nos anos iniciais e projeções para o futuro profissional. Nesses tópicos são suscitadas reflexões voltadas às suas trajetórias profissionais desde o momento da escola pela pedagogia, perpassando pelas experiências que constituem suas representações sociais e as perspectivas relacionadas ao que almejam para o futuro profissional.

5.2 *Análise das entrevistas*

5.2.1 **A escolha pela pedagogia**

O primeiro tópico da análise das entrevistas aborda uma discussão voltada para a escolha profissional dos indivíduos. Veremos se a pedagogia foi a primeira opção de carreira, se houve alguma influência na escolha e se receberam apoio familiar e de amigos.

As escolhas feitas pelos indivíduos recebem influência de várias vertentes. Para o autor Bourdieu (2007) as escolhas estariam intimamente ligadas ao acúmulo de propriedades/recursos sociais (entendidas como o arcabouço de conhecimentos, práticas e bens acumulados pelas pessoas nas inúmeras experiências que sua condição econômica lhes proporcionou ou não) ao longo da vida. É a partir dessas propriedades que as apostas são feitas, não simplesmente em função dos indivíduos, mas também de seu núcleo familiar.

De acordo com os referenciais que iremos ver a seguir, a escolha do curso de graduação não ocorre aleatoriamente, há uma série de fatores interferindo nesse momento, fatores estes ponderados pelos agentes e objetivados em sua ação concreta. Neste momento vamos analisar alguns aspectos importantes acerca da escolha pela pedagogia, feita pelos professores participantes da pesquisa.

Ao serem indagados se a pedagogia teria sido a primeira opção de curso superior, verificamos que 60%, a maioria, não escolheu a pedagogia como primeira opção. Deste percentual, 60% deles optaram por outro curso de licenciatura: geografia, letras, ciências biológicas, educação artística e ciências sociais e os demais optaram pelos cursos de nutrição, administração e direito.

Para os indivíduos empreenderem uma escolha profissional, que por sua vez influenciará nas várias instâncias de suas vidas, é necessária a construção do gosto pela área pretendida. Uma referência para refletirmos sobre o gosto é o sociólogo francês Pierre Bourdieu (2015), e mais especificamente em sua obra “A Distinção”. Muitas são as contribuições elencadas nesse estudo para pensarmos e desnaturalizarmos o gosto como uma característica que nasce com os indivíduos, sendo este uma construção social, adquirida por meio dos processos de socialização, principalmente no círculo familiar.

Do total de entrevistados, 67% afirmaram ter tido influência direta de seu círculo social para a escolha do curso de pedagogia, sejam provenientes de familiares, amigos ou colegas de trabalho. Algumas falas dos sujeitos exemplificam, PP7¹: “Minha mãe foi o referencial para que eu pudesse iniciar a prática docente. Ela queria colocar uma escola particular e eu tinha a

determinação em trabalhar com ela e para que eu exercesse a profissão teria que ter o curso de pedagogia”. PV5: “Eu escolhi fazer pedagogia por influência dos pedagogos do meu antigo trabalho”. PP6: “Eu fiz pedagogia por influência de uma colega”. Portanto, as escolhas são feitas situadas na construção do gosto que foi formado anteriormente, em virtude dos meios onde os indivíduos foram socializados.

Outro fator importante no tocante às escolhas do curso superior dizem respeito às condições objetivas de existência, PP3: “Eu não tinha tempo com relação ao estudo porque eu trabalhava em uma empresa que precisava viajar muito e o único tempo que eu tinha era no sábado e quando eu vi que tinha uma possibilidade de estudar pedagogia no sábado eu corri atrás”. PV1:

Escolhi fazer pedagogia por ter conseguido uma bolsa de estudo integral no ProUni e pedagogia era o curso que tinha disponível na cidade próxima a minha residência no interior. Eu consegui bolsas de cursos em Recife, mas o transporte era escasso na época e eu era adolescente, tinha medo de estudar em outra cidade (Entrevista realizada com PV1 em novembro de 2022, conforme pesquisa de campo).

Estes relatos nos mostram que os fatores tempo e localização da instituição de ensino se constituíram condições preponderantes para a escolha da pedagogia. Boudon (2000) ao desenvolver a teoria da escolha racional, se posiciona dizendo que os atores tomam suas decisões a partir de sua realidade objetiva, considerando os custos, riscos e benefícios.

Dos entrevistados, 33% relataram que um mobilizador para suas escolhas da carreira profissional foi a empregabilidade. Duas falas evidenciam, PP2: “Eu escolhi pedagogia por ser um campo muito amplo, o pedagogo atua em empresas, instituições, recursos humanos, são várias as oportunidades de trabalho”. PP9: “Eu escolhi pedagogia por causa de concurso público. Eu não estava conseguindo passar em geografia que era somente uma, duas vagas e pedagogia sempre tinha mais de 100 vagas”. Romanelli (1995) contribui com essa discussão ao colocar que no momento da escolha do curso, o mercado de trabalho é forte influenciador na medida em que o estudante procura se adequar às novas realidades que surgem, pensando obviamente em sua inserção futura no processo produtivo.

¹ Utilizamos siglas para preservar a identidade dos professores participantes da pesquisa, correspondendo à PP para Professor de Paulista e PV para Professor de Vitória e a numeração que acompanha as siglas diz respeito à ordem em que as entrevistas foram realizadas.

O trabalho também se constitui um influenciador da escolha profissional. PV4: “Eu já tinha a prática da docência por eu ter o curso de letras, eu conversava, debatia, discutia com outros professores e a partir das coisas que eles falavam me despertou curiosidade e fui fazer pedagogia”. PP6:

Eu tinha feito um concurso na prefeitura de Recife na área administrativa e fui trabalhar em uma secretaria de escola, aí passei a gostar porque eu comecei a lidar com o contexto escolar, a trabalhar com as professoras, com as crianças, na parte de gestão também e assim fiquei mais interessado ainda. Eu queria em fazer uma ligação entre o trabalho com o curso (Entrevista realizada com PP6 em novembro de 2022, conforme pesquisa de campo).

Para Lima (2017), o trabalho tem uma instância socializadora que gera uma identificação que resulta em uma identidade profissional. Por meio das falas dos entrevistados podemos perceber que as experiências vivenciadas no âmbito do trabalho, desenvolveram um sentimento de pertença à área da pedagogia que conduziram os sujeitos desta pesquisa à escolha pelo curso.

Ainda sobre a discussão, Zago (2000) ao tratar dos processos de escolarização em meios populares, traz o trabalho como elemento mobilizador da escolha da carreira, pois estando inseridos no mercado formal de trabalho as pessoas almejam ocupar melhores posições em seu próprio local de trabalho.

Lima (2017) nos convida a refletir sobre as representações que circulam na sociedade acerca da escolha profissional, trazendo que circulam socialmente discursos sobre os perfis profissionais relacionados ao gênero. Como exemplo temos PP6: “Meus amigos diziam que pedagogia era área de atuação feminina. Eu pensava que fazer magistério e pedagogia era uma área profissional para mulheres, mais voltadas para mulheres”. Isso mostra que os discursos que circulam socialmente também influenciam nas escolhas das carreiras profissionais das pessoas.

Mais um elemento influenciador na escolha do curso superior presente nos relatos de nossos entrevistados é a identificação com a área. PV2 afirma: “Eu escolhi pedagogia por eu já ter uma base do curso quando eu fiz o curso do normal médio, eu me identifiquei e continuei”. PP10: “Eu escolhi pedagogia porque era uma área que eu gostava. Na minha família materna e paterna tinham vários pedagogos aí eu conhecia do curso”.

A identificação com uma área ajuda os indivíduos a consolidarem sua identidade profissional e até social, diante de muitas referências disponíveis. O sujeito tem construído em

sua identidade o sentimento de pertencimento àquilo com que se identifica, é como se fosse uma representação de si, do nosso lugar o que pode projetar para o futuro, diz Hall (2009). Lipiansky (1990) afirma que a identidade é construída socialmente em um processo dinâmico nas interações grupais, que os indivíduos desenvolvem nos diversos espaços socializadores como é o caso da família e do trabalho.

Existe ainda, a identidade que as pessoas atribuem ao outro, a partir do que percebe no perfil apresentado, como mostra na fala do PP4: “A dona da escola que a minha filha estudava gostava muito do meu jeito e via em mim um perfil de professor. Ela me convidou para dar aula de xadrez e depois disse que eu precisava fazer um curso e foi aí que escolhi a pedagogia”.

Assim como as representações sociais, a identidade se estrutura ao mesmo tempo em condições interna e externa (coletivas) aos indivíduos, buscando equilíbrio. A construção do gosto pela Pedagogia se dá não apenas pelo aprendizado de conhecimentos específicos da área, mas também segundo Tardif (2002), pela interação entre a história e a experiência dos indivíduos em compartilhamento com a formação de outros sujeitos com os quais interage.

Para concluir esse ponto da análise, gostaríamos de mencionar o apoio recebido pelos entrevistados em relação à sua escolha pela pedagogia. 87% dos professores disseram ter recebido apoio tanto familiar quanto dos amigos. Dois pais não apoiaram a decisão de seus filhos por acharem a profissão muito árdua (PV3); e por querer que seu filho seguisse a carreira militar (PV2). O estudo de Sparta & Gomes (2005) nos ajuda compreender o posicionamento desses pais ao considerar o desejo dos pais e familiares uma importante influência na escolha da carreira. Para muitos pais, a escolha de seus filhos deveria concretizar seus sonhos projetados para eles, seja por não terem conseguido em suas próprias trajetórias, seja por almejavam caminhos mais “seguros” para sua prole.

Vale salientar que o apoio familiar direcionado à escolha estudantil dos filhos está condicionado à formação que tiveram ao longo de suas trajetórias de vida, conforme constata Nogueira (2013). Neste estudo vemos que a escolha pelo prolongamento da escolarização por meio de um curso superior ocorre de maneira diferente para as camadas média intelectualizadas e aquelas provenientes das camadas populares, pois enquanto para as classes privilegiadas o ingresso no ensino superior é algo natural, para os meios populares se configura em um destino “pouco provável”.

As falas de dois de nossos entrevistados evidenciam esta afirmação, PV1: “Não recebi apoio da minha família porque eu fui o primeiro da minha família formado em um curso superior e eles não tinham dimensão do que era uma faculdade”. PP8: “Minha família não apoiou porque eles não têm noção do que significa universidade. Meu pai não sabe ler, meu

irmão também não tem ideia”.

Desta forma, como os pais e familiares desses entrevistados não dispunham de conhecimentos prévios em relação à formação superior e carreiras, não tiveram condições de contribuir com a decisão. Nogueira (1997) em sua pesquisa sobre as razões pela escolha do curso superior e da carreira docente nos informa que o atributo social escolarização dos pais é um importante fator na escolha do curso superior. Isso porque quanto maior o grau de escolarização dos pais, mais condições eles terão para orientar, incentivar e investir em seus filhos nesse momento tão significativo.

Alguns amigos do PV2 diziam que a pedagogia era um curso que muita gente tinha e provavelmente teria dificuldade de conseguir emprego, o PP6 também recebeu críticas dos amigos ao falarem que era uma área mais voltada a mulheres. O PP7 diz que se sentia discriminado pela sociedade.

Diante desses discursos podemos inferir que a escolha da carreira profissional está ligada a uma cultura social, a uma representação social construída historicamente. Borges & Carnielli (2005) consideram relevante no momento da escolha a cultura social que existe envolta nas carreiras. Essa cultura estaria relacionada à valorização, status, remuneração, mercado de trabalho e gênero por exemplo. Esta cultura social influencia o estudante não apenas quanto ao valor financeiro da profissão, mas também quanto ao valor social, interferindo na forma como as pessoas o veem.

5.2.2 Representações sociais sobre a docência nos anos iniciais

Antes de conhecermos as representações sociais dos professores de nossa amostra acerca da docência nos anos iniciais, vamos relembrar a definição do conceito de representação social, como surgem, e quais são suas finalidades, pois é à luz dessa teoria que suscitaremos as considerações neste trabalho.

As representações sociais são entendidas como interpretações da realidade relacionadas aos mais variados objetos, dando-lhes significados a partir das referências que os indivíduos tiveram em seus contextos de socialização. Para Jodelet (1985) as representações são saberes práticos. Elas surgem por meio das informações que circulam na comunicação advinda do senso comum. Sua finalidade é tentar compreender e explicar a realidade, que por sua vez subsidiará as condutas das pessoas com certo consenso social.

Partindo desses pressupostos, vamos conhecer as experiências profissionais dos professores, considerando os seguintes elementos para compreendermos suas representações

voltadas à docência masculina nos anos iniciais: recepção, adaptação, relações de trabalho, aceitação, preconceito, como se veem e como veem a profissão na atualidade.

O primeiro elemento considerado foi como os professores foram recepcionados nas unidades de ensino pela gestão, professores, pais e crianças ao iniciarem o trabalho nos anos iniciais. Os resultados foram: 93% afirmam terem sido bem recebidos nas escolas e, destes, 13% destacam que as crianças e os pais sentiram a chegada, pois já era o segundo semestre e estavam acostumados com outras professoras. 27% enfatizaram que os pais tiveram receio ao verem que o professor seria do sexo masculino. PP6 diz: “Fui conversando, conquistando a amizade deles, fui mostrando meu trabalho com os alunos aí eles ficaram mais confiantes”. O PP1 e PP3 relatam ter tido uma experiência positiva no momento de suas chegadas, sem obstáculo ao fato de serem do sexo masculino e atuarem nos anos iniciais.

Com relação aos pais eu sinto que pelo fato de eu ser homem, eles demonstram ter uma segurança, não em questão de trabalho pedagógico, mas em questão da ordem na sala, da disciplina. Eles veem isso não só comigo, mas com outros amigos meus que são professores também já teve esse relato (Entrevista realizada com PP1 em novembro de 2022, conforme pesquisa de campo).

A princípio houve um estranhamento por vê um homem na educação básica, mas depois me abraçaram de uma forma surpreendente porque eu me tornei como se fosse um pai para as crianças. No início eu encontrei muitas mães que criavam seus filhos sem pai, aí vinha conversar comigo sobre problemas que estavam enfrentando com as crianças. Elas buscavam uma ajuda em mim para dar esse suporte aos seus filhos. Eu realizei um trabalho interdisciplinar com temas transversais envolvendo o contexto familiar [...] desenvolvemos um trabalho muito bom junto com os pais e fui muito reconhecido por esse papel que trouxe resultados positivos com relação aos conflitos familiares (Entrevista realizada com PP3 em novembro de 2022, conforme pesquisa de campo).

Estas falas corroboram o estudo de Cunha (2016), ao situar que os docentes do sexo masculino de sua pesquisa que atuavam nos anos iniciais, foram vistos de forma positiva, argumentando que a esse professor está relacionada a imagem de respeito e autoridade recorrentes de construções que atrelam virilidade e poder.

Apesar de a grande maioria ter sido bem recepcionados, o professor PP10 (único professor de creche de nossa amostra) conta que teve resistência por parte dos pais e gestão ao ingressar no ambiente de trabalho:

No início foi todo um processo, as mães não queriam que eu fosse o professor do infantil. As diretoras queriam de todo jeito me convencer a sair, perguntavam se era eu que ia dar banho, mas eu nunca entrei no banheiro. Tudo era motivo para me tirar, chegavam para mim e diziam para eu trocar de turma. Teve uma mãe que inventou que eu fui expulso de duas escolas, outra mãe fez de tudo para tirar a filha da minha sala, mas a menina ficou chorando por gostar de mim, aí ela teve que voltar. Os meninos gostam de mim, é uma coisa diferente, a maioria não tem referência paterna aí eu acabo me tornando. Apesar disso tudo eu falava: não vou sair! Eu já vinha desenvolvendo um trabalho desde a graduação com o infantil, então queria continuar com essa faixa etária (Entrevista realizada com PP10 em dezembro de 2022, conforme pesquisa de campo).

Segundo Abric (1994), uma das funções das representações sociais é orientação, atuando como guia das condutas e práticas das pessoas. Desta forma, observamos que as mães e gestoras da creche onde o PP10 iniciou o trabalho com o infantil, tinham em suas representações que o trabalho com a educação infantil era destinado as mulheres. Essa ideia da feminização do magistério, como vimos no decorrer do texto, ocorreu ao longo da história por associação as competências necessárias ao trabalho com as crianças a algo que já fazia parte da natureza feminina como o cuidado, a sensibilidade, o amor e os alunos seriam como seus filhos. Essa representação da pedagogia na perspectiva da feminização e extensão familiar também é vista nas pesquisas de Carvalho (1999); Jesus e Costa (2017); e outros.

Ainda neste sentido, Souza (2008) mostra em sua pesquisa sobre gênero, educação e trabalho que os indivíduos agem conforme foram socializados em seus meios de origem e são nesses espaços coletivos que são criadas representações sobre os valores sociais, instituindo o que é ou não aceito diante da realidade. Contudo, mesmo diante de uma representação já ancorada no imaginário coletivo, por ela ser construída coletivamente nos círculos sociais, ela pode ser reconstruída, pois segundo Marková (2017) os sujeitos são agentes ativos no processo de apropriação da realidade.

Com relação ao período de adaptação ao trabalho com crianças, 33% afirma não terem tido dificuldades, e 67% tiveram algum tipo de dificuldade. Dentre as dificuldades apareceram: falta de experiência, falta de um maior preparo na formação inicial, falta do curso de pedagogia (pois o PV3 tinha sua formação em geografia e magistério), turmas lotadas, indisciplina das crianças, falta de preparo para trabalhar com crianças especiais e resistência dos pais; mas relataram que com estudo e ajuda das colegas de profissão conseguiram se adaptar.

Esses relatos mostram que para os professores participantes desta pesquisa o período de

adaptação no início do exercício da docência nos anos iniciais ocorreu como em qualquer outra profissão, necessitando o reconhecimento da realidade para saber lidar com ela, o que advém da prática. Houve resistência dos pais ao professor da creche que destoa do contexto geral das profissões, pois a este contexto específico está associado o recorte de gênero e atrelado ao contexto histórico mais amplo dos papéis sociais, uma vez que o trabalho com crianças foi estabelecido como algo natural de mulheres.

Perguntamos aos professores como era sua relação de trabalho com seus colegas professores, equipe da escola, gestão, pais e alunos. Como respostas tivemos: 93% mantêm uma boa relação com toda a comunidade escolar (funcionários diversos, gestão, professores, pais e alunos). A fala do PV3 mostra: “Eu procuro manter essa parceria tanto com os pais como com os outros professores, porque agindo assim todos saem ganhando”.

Entre as características evocadas pelos professores para representar as relações, as principais foram: parceria, tranquilidade, amizade, ajuda e diálogo. O PP2 difere um pouco dos demais na medida que caracteriza a comunidade da escola como hostil, mas diz que se posiciona diante das situações que surgem e busca trabalhar em parceria.

Foi perguntado também aos professores se eles se sentiam aceitos em seu ambiente de trabalho e 100% disseram que sim. Podemos relacionar essa aceitação sentida pelos professores com as relações desenvolvidas no espaço de trabalho, pois a aceitação para qualquer profissional, se dá também em decorrência de um ambiente com relações saudáveis.

Ao serem indagados se ao longo do trabalho teriam percebido algum tipo de resistência ou preconceito, 73% afirmaram que não, e 27% sim. Apesar de a grande maioria desses professores terem externado que não sofreram preconceito ou resistência em seu ambiente de trabalho, algumas falas dos professores elucidando a questão nos trazem reflexões. PV1 diz que não teve resistência porque já ingressou no ambiente “armado” pelo medo de ser uma figura masculina e para não gerar problema se blindou não tendo contato de abraço e beijo com os alunos, como as professoras têm. PV3 evita turmas do infantil para não ter problemas. PP6 comenta:

Ouvi relatos de outros colegas professores alegando essa questão do preconceito, de não aceitação dos pais em ter professor homem. Outros colegas também relataram que durante seus trabalhos de pesquisa sempre encontraram esse entravamento entre os pais e a atuação do homem como professor na sala de aula dos anos iniciais (Entrevista realizada com PP6 em novembro de 2022, conforme pesquisa de campo).

Chama atenção a fala do PP5, ao dizer que não sofreu nenhum tipo de resistência ou preconceito externo, mas afirma existir o preconceito interno do próprio pedagogo, falando como se sente sendo homem no ambiente de trabalho da pedagogia.

Quando vou para a formação, 90% é mulher, aí cai a ficha: o que estou fazendo aqui. Eu fico com uma vergonha, não vou mentir, quando chega um homem eu já me alegro porque vou ter companhia, não vai ser só eu. Homem fica acanhado em relação à Pedagogia. O pessoal acha que o professor pedagogo necessariamente é homossexual e isso é mentira. Dá uma vergonha porque é muita mulher e pouco homem. Gosto quando na formação elas falam no masculino professores, não vou mentir, mas quando falam professoras eu ali fico me sentindo mal (Entrevista realizada com PP5 em novembro de 2022, conforme pesquisa de campo).

Percebemos na fala do PV1 que ele já ingressou no ambiente de trabalho com uma postura defensiva. O PV3 se posiciona com distanciamento da educação infantil, pois, diante dos discursos que circulam na sociedade, eles já tomam posição, demarcando seu espaço profissional. Quanto ao PP5, podemos observar que ele se sente desconfortável diante de um ambiente com predominância feminina.

Com relação aos professores que afirmaram terem vivenciado preconceito ou resistência, 50% deles disseram que foi apenas no início, mas agora não mais. Vejamos as falas: PV4: “Eu percebi essa questão de os pais ficarem meio receosos por o professor ser homem, ter de lidar com menina. A gente sabe como a sociedade hoje em dia é preconceituosa e de certa maneira a gente percebe que também é um cuidado, é um cuidado preconceituoso”.

Existe o preconceito camuflado, as pessoas pensam: um camarada, um homem cuidando dos meus filhos, elas queriam que fosse uma mulher que eu acho que a mulher tem mais carinho, tem mais jeito, aquela coisa toda e realmente impacta, mas depois que conhecem o trabalho da gente, se desarmam (Entrevista realizada com PP3 em novembro de 2022, conforme pesquisa de campo).

As pessoas confundem muito, taxam, aquele trabalho deve ser para mulher, homem não pode desempenhar ou vice-versa. Sofri preconceito, as pessoas começaram a querer insinuar outras coisas que realmente não tinha nada a ver com minha condição, taxando que seria homossexual (Entrevista realizada com PP7 em dezembro de 2022, conforme pesquisa de campo).

No início tive resistência e preconceito dos pais que acabou refletindo até na gestão. É porque na comunidade

tem muita história de abuso que eu fico sabendo pelo pessoal que trabalha na escola e mora na comunidade. É muito comum as crianças serem abusadas, as vezes até pelo pai, padrasto, tio, irmão, já é um trauma que vem de longe. É complicado e de certa forma entendo aquele medo no início, depois vai se adaptando (Entrevista realizada com PP10 em dezembro de 2022, conforme pesquisa de campo).

Jodelet (1985) destaca que as representações por serem categorias de conhecimento prático, direcionam as ações, sendo elaboradas, aceitas e vividas socialmente com certa naturalidade. Os relatos dos professores participantes desta pesquisa evidenciam a função justificadora das representações sociais, pois segundo Abric (1994) essa função serviria como explicação dos comportamentos e decisões tomadas tanto por sujeitos quanto pelos grupos. Portanto, esses professores sofreram preconceito e resistência pela sociedade e especialmente por parte dos pais das crianças, por circularem na sociedade representações de acontecimentos negativos vividos por determinados indivíduos e isso reverbera em certa generalização com os demais indivíduos do sexo masculino. Mas após um período de acompanhamento do trabalho desenvolvido e postura dos professores, essa barreira vai sendo quebrada e os docentes conseguem desempenhar seu trabalho com tranquilidade.

Um ponto importante que investigamos para identificar as representações sociais dos professores, foi sobre como esses profissionais se viam atuando em um espaço (anos iniciais) que por muito tempo tem sido visto como de atuação feminina. As respostas a essa indagação trazem algumas reflexões. 53% explicitaram que se veem em uma área marcada predominantemente pela presença feminina. PP4: “É um mundo realmente muito feminino, é tão feminino que os livros ainda usam o termo professora, está melhorando, mas sempre um mundo feminino”. PV3:

Em Jabotão eu sou o único professor homem da escola. Tem homem como apoio e como supervisor, mas de professor, tem sete professores de manhã e sete à tarde, são 14 nos dois turnos e só eu de homem. Eu procuro me adaptar a essa situação; eu ficaria mais confortável se tivessem outros homens (Entrevista realizada com PV3 em novembro de 2022, conforme pesquisa de campo).

A predominância feminina na área da pedagogia também é verificada nas Dissertações de Cardoso (2004); Correa (2014); Santos (2014); Gomides (2014) e Carvalho (2015). Podemos ver por meio destes dados que há uma instituição social sobre as representações que legitimam os papéis de gênero e consequentemente os destinos profissionais dos indivíduos.

O preconceito foi citado por 27% dos entrevistados, o PP3 diz: “Observo no olhar, as vezes as pessoas pensam: como é que um homem que está na sala de aula? Então esse homem deve ser homossexual”.

Podemos ver que apesar das mudanças ocorridas na sociedade no tocante a abertura para recomposição dos sujeitos nos meios de trabalho, o preconceito ainda é vivenciado pelos professores de nossa amostra. 13% falam sobre o impacto/estranhamento inicial ao ingressarem nas suas atividades profissionais, pois o “comum” e diria até o esperado, é ter a presença feminina nas funções que trabalham com crianças. O PP3 exemplifica a situação: “Há um impacto inicial, mas com o decorrer do tempo com o desenvolvimento do trabalho em conjunto com os pais, a escola, os alunos, cai a barreira e reconhecem que o papel da gente está certo”.

Essa desconstrução da representação social estabelecida de que a docência nos anos iniciais é um campo propício às mulheres é possível porque as representações sociais são construções coletivas elaboradas a partir de determinadas referências com as quais as pessoas tiveram contato; então se elas foram elaboradas podem ser reelaboradas ao entrarem em contato com novas referências. Pelo fato de as representações sociais serem um conhecimento prático como pontua Jodelet (1985), ao serem construídas novas representações elas direcionarão as condutas e serão aceitas de maneira consensual pela coletividade.

20% se veem de certa forma como alguém fora da “normalidade”. O PP10 que atua na creche explica: “Eu ainda me vejo uma pessoa diferente, em um espaço diferente que aos poucos vai se adaptando. É o diferente se tornando normal, é mais ou menos isso”.

Diante da fala do PP10 podemos dizer que a formação da identidade profissional vai sendo (re)elaborada, ajustada a suas identidades pessoais, sociais entre outras, ao ocuparem novos espaços, como destaca Lima (2017).

Um aspecto levantado pelos professores foi o resgate do contexto histórico da educação. 20% relembram que o início do processo de escolarização foi feito por homens, e só com o decorrer do tempo que esse ofício foi sendo direcionado às mulheres. Portanto, a sociedade, bem como o conhecimento são dinâmicos, modificam sua estrutura conduzindo os sujeitos à adequação diante das novas demandas e perspectivas, considerando que precisam se ajustar para manter uma coerência social.

13% dos professores não se sentem confortáveis com o termo “tio” que as crianças costumam usar. O PP2 enfatiza:

A questão do chamar tia, tio eu acho que o professor ele tem que quebrar essas situações, esses paradigmas porque não existe tio nem tia, existe professor e professora. Como

médico não existe médico tio, é médico, doutor, doutora, o médico, o advogado, a advogada [...] vai de cada um ter uma postura (Entrevista realizada com PP2 em novembro de 2022, conforme pesquisa de campo).

Vimos no levantamento bibliográfico que segundo Guacira (1997), a legislação reafirma que as práticas escolares devem se assemelhar às relações familiares para melhor desempenho dos estudantes, todavia, para este percentual de professores entrevistados, é necessário haver uma separação do contexto familiar e o ambiente escolar, defendendo que o pedagogo faz parte do grupo de profissões da sociedade como qualquer outra, portanto, precisa ter definição própria.

Apesar dos relatos expondo vivências um tanto conflituosas, os professores de nossa amostra dizem ter superado a fase de estranhamento e resistência inicial no trabalho e atualmente experimentam uma atuação tranquila. O PP1 expõe sua satisfação por sua área de atuação: “Eu gosto mesmo do que eu faço, gosto de trabalhar com crianças de verdade, me divirto muito em sala de aula também”. Para concluir esse ponto trago o depoimento do PP7: “Eu me vejo como um instrumento para proporcionar melhoria, mudanças ao meu aluno, ajudar na formação de futuros cidadãos”.

O PP7 tem clareza da contribuição de seu ofício para a construção da sociedade, independentemente do ser homem ou mulher, pois a educação é para todos!

O último ponto da análise das entrevistas relacionadas às representações dos professores sobre a docência nos anos iniciais, diz respeito a como os docentes veem a profissão do pedagogo e seu trabalho na sociedade atual.

67% dos professores trouxeram a importância do pedagogo para a formação da base da sociedade e 33% consideram que esse profissional deveria ser mais valorizado. As falas dos PP5 e do PV4 mostram: “Eu acho que o pedagogo é um profissional que deveria ser mais respeitado, mais remunerado porque a gente é que dá início a todas as profissões do mundo, a gente inicia tudo. Se a gente não alfabetizar essas crianças como é que fica?”. “O pedagogo é um profissional que merece ser mais valorizado pela demanda de trabalho que a gente tem não só na escola, mas em casa também”.

Elmenoufi (2012) reforça a importância do trabalho do pedagogo ao pontuar que o trabalho docente envolve não somente a transmissão de conteúdo, mas também um preparo dos estudantes para as demandas da sociedade. Com relação à valorização do trabalho docente essa mesma autora encontrou em seu estudo dados semelhantes ao de nossa pesquisa, ao analisar os significados atribuídos pelos professores dos anos iniciais relacionados ao ser professor e seu

trabalho docente. As falas dos participantes de seu estudo evidenciam a falta de valorização do trabalho do professor que atua nos anos iniciais.

27% dos entrevistados veem a profissão como uma área de ampla atuação que lhes possibilita várias oportunidades de inserção social. O PP6 diz: “O pedagogo atua em vários locais: empresas públicas e privadas, ONGs, escola, movimentos sociais, recrutamento, seleção, hospital, instituições de ensino superior e cada vez mais está se ampliando”.

Para 27% dos professores de nossa amostra o pedagogo tem um importante diferencial em relação aos demais profissionais, até mesmo do grupo de professores (de licenciaturas diversas) do qual faz parte, devido à sua formação pedagógica. Os PV1 e PV5 afirmam:

Pra quem não conhece a pedagogia, eu acho que todos os lugares deveriam ter porque, o conhecimento de mundo que o pedagogo tem na formação dele e nas relações que ele tem com as pessoas é muito diferenciado. No diálogo com meus colegas professores eu sinto a diferença, eu percebo o olhar pedagógico com que o pedagogo trata as situações e nas licenciaturas não tem esse olhar que deveria ter também porque é tudo docência. A gente olha o lado da criança, eu acho que esse olhar diferenciado, humanizado deveria ter em todos os lugares, que eu acredito que um dia ainda vai ter (Entrevista realizada com PV1 em novembro de 2022, conforme pesquisa de campo).

Pra mim todo professor deveria ter experiência de pedagogo. O trabalho de um pedagogo é diferente de um professor, até na dinâmica de aula como extraído do meu aluno. Por exemplo, eu nessa escola faço: feira de ciências, passeios, campeonato de xadrez, dama, trabalhei com halloween, coisas lúdicas, trabalho a criatividade, adequando o aluno ao mundo atual. Das brincadeiras o professor do fundamental dois ele vê a brincadeira como se fosse qualquer brincadeira, já o pedagogo vê a brincadeira como um meio de tirar o que queremos dos alunos. É isso pra mim, todo professor deveria passar pela pedagogia (Entrevista realizada com PV5 em dezembro de 2022, conforme pesquisa de campo).

Para Veiga (2010), a prática pedagógica é uma modalidade de ação reflexiva, pois une a teoria (aquilo que foi aprendido durante a formação) com a prática, refletindo sobre o fazer, concretizando em um trabalho coerente com a proposta educacional vigente, se tornando relevante para todos os envolvidos no processo. Assim o professor passa a ser alguém que não apenas ensina conteúdos, mas também que promove experiências significativas para aqueles que entram em contato com sua prática.

Outro aspecto mencionado por 20% dos professores que merece nossa atenção foi a falta de estrutura e acompanhamento familiar. Vejamos nas falas dos PP1 e PP10:

A situação do pedagogo é de educar e alfabetizar. A gente está com uma questão muito grande de valores com relação às nossas crianças e aí estamos com uma situação que a gente vai ter que passar diretamente algo além, mais do que a nossa formação. Hoje a gente de, as vezes se preocupar se o aluno está lendo, se fez a atividade, se está conseguindo produzir um texto, se ele está no nível da turma dele, a gente ainda vai ter que se preocupar mais com a questão do cidadão, os costumes, assim, a questão da educação doméstica que está faltando muito, principalmente nas escolas públicas e com a pandemia teve um agravamento. O pedagogo tem esse papel social junto com o pedagógico e a gente também tem que enxergar essas questões (Entrevista realizada com PP1 em novembro de 2022, conforme pesquisa de campo).

O que está faltando muitas vezes na criança e sua educação é base, a estrutura familiar que está muito quebrada hoje em dia e isso reflete muito no comportamento deles no futuro. Se eles tiverem uma base educacional boa, vai ajudar eles a não irem para o caminho que se “espera” de quem é abandonado, de quem não tem assistência e tal que é o caminho das drogas, da violência etc. Muitos deles já são violentos desde pequenos, porque é o que eles veem, ou seja, já não tem base familiar. Se não tiver apoio profissional, que o psicólogo não é todo mundo que vai então, se não for o pedagogo na escola a chance de eles irem para caminhos errados é grande (Entrevista realizada com PP10 em dezembro de 2022, conforme pesquisa de campo).

Por meio desses relatos podemos ver que a educação familiar tem impactado no contexto escolar. O ambiente onde as crianças são socializadas e introduzidas nas práticas comunitárias vai refletir no desempenho estudantil e posteriormente nos caminhos que irão trilhar.

Calado (2020) em seu estudo traz reflexões acerca do papel da família no acompanhamento da vida escolar dos filhos. Afirma que as famílias passam por transformações de ordem econômica e social que refletem na escola, pois as famílias vêm atribuindo à instituição escolar a tarefa não somente de formar, mas também a de educar. Por este motivo a autora destaca a necessidade de conscientizar a família sobre seu papel e que as responsabilidades precisam ser compartilhadas.

Novamente a temática do preconceito apareceu na fala de 13% dos professores. O PP8 nos conduz a refletir. “Tem muitos casos de pedofilia, casos de crime contra crianças, isso pode atrapalhar em algum momento. A gente escuta muitas histórias e ainda há resistência por conta desses abusos. É um preconceito mesmo com os professores homens”.

Por intermédio dos discursos que circulam na sociedade, percebemos que a representação social relacionada ao tema envolvendo abuso de crianças está voltada

principalmente à “figura masculina” e por este imaginário estar presente em grande parte da sociedade, o trabalho dos professores do sexo masculino nos anos iniciais acaba carregando esse peso social, dificultando assim a ocupação deles nesse espaço social.

A fala do PP8 traz essa realidade claramente, mas apesar desse contexto, observamos nos relatos suscitados pelos professores que esse panorama tem sido modificado e estamos vivenciando uma sociedade mais aberta, com mais aceitação e isso nos mostra que podemos reconstruir nossas representações sociais, ajustá-las quando preciso em prol de experiências humanas mais saudáveis, igualitárias e felizes para todos, independentemente de sexo ou qualquer outro elemento.

Foi elencado ainda pelos participantes que o ofício do pedagogo é desafiador, diante das demandas advindas da sociedade. Na fala do PV2 observamos um desses discursos. “Eu vejo no trabalho do pedagogo uma atuação muito desafiadora. [...] Eu percebo que muitas questões da sociedade vêm desembocar na escola e a gente assume demandas que as vezes é para além do nosso contexto diário, como questões de violência, por exemplo”.

Pelo relato do PV2 podemos perceber o quanto o contexto social e principalmente o familiar interfere na dinâmica do trabalho docente. Muitas são as influências que as crianças recebem, demandando um olhar atento e um trabalho contínuo não apenas do professor, mas de todos que fazem parte do meio educativo. É nessa conjuntura que a educação ocorre, cheia de desafios, mas também de sucessos e perspectivas de futuros melhores.

5.2.3 Projeções para o futuro profissional

O último tópico da análise das entrevistas trata sobre o que os pedagogos de nossa amostra almejam para seu futuro profissional. Além disso saberemos se estão satisfeitos e que dificuldades enfrentaram ou enfrentam em sua profissão.

A princípio indagamos se eles estavam satisfeitos com a profissão do Pedagogo. Como resposta, 100% deles afirmaram estarem satisfeitos. O PV2 destaca que sua satisfação também está relacionada ao seu vínculo empregatício, ao dizer:

Eu me sinto satisfeito no contexto educacional. Se essa pergunta fosse feita a um tempo atrás quando eu tinha contrato, talvez eu não tivesse satisfeito porque é diferente, a estabilidade nos motiva mais e que há tempos de incerteza. Eu trabalhei um tempo que era minicontrato, então é trabalhar e ter aquela incerteza: hoje eu estou, mas amanhã não sei se vou estar, mas depois do concurso público acho que tem mais autonomia para fazer um projeto, um roteiro que sei que vai começar e vai concluir,

então hoje eu me sinto satisfeito (Entrevista realizada com PV2 em novembro de 2022, conforme pesquisa de campo).

No artigo de Albrecht e Krawlski (2011), sobre os motivos que conduzem os concurseiros a buscarem o ingresso no serviço público, mostra em seus resultados que o principal motivo é a estabilidade no cargo. Isso nos faz refletir que a condição empregatícia para o PV2 e podemos dizer que para a grande maioria das pessoas, se constitui um forte elemento da satisfação profissional nas diversas carreiras do setor produtivo da sociedade e no nosso caso, a carreira da docência gera uma segurança e bem estar profissional, social e pessoal.

Os resultados de nossas entrevistas revelam que apesar da satisfação externada por 100% dos professores, na mesma medida 100% da amostra também expressa ter algum tipo de dificuldade ou crítica em relação ao trabalho do pedagogo. Várias são as evocações a esse respeito, dentre elas apareceram: falta de material de trabalho, estrutura física inadequada, falta de acompanhamento familiar, baixa remuneração, falta de reconhecimento, falta de investimento para ampliação da formação, etc., como mostra a fala do PP6:

A profissão docente é um trabalho que precisa ser mais valorizado pelo poder público, é uma profissão que ajuda a formar outras profissões, deveria ter mais investimento na questão salarial, na compra de materiais, na estrutura da escola, na formação continuada para oferecer condições para o professor fazer uma especialização, um mestrado, um doutorado para poder trabalhar com dignidade (Entrevista realizada com PP6 em novembro de 2022, conforme pesquisa de campo).

Esses discursos estão evidenciados em diversos estudos que tratam da profissão docente, como os trabalhos de Elmenoufi (2012) e Moreira (2012) ao mostrarem em seus resultados de pesquisa a falta de valorização profissional, governamental e social, a escassez de recursos didáticos e a baixa remuneração, o que gera lutas e reivindicações pela categoria docente, constituindo fortes elementos da construção identitária e representacional desse profissional.

Diante dessa realidade colocada pelos professores, apesar das críticas e dificuldades vivenciadas, 60% deles almejam continuar atuando como docentes dos anos iniciais. PP1: “Eu amo o que faço, eu não me vejo fora da sala de aula jamais, é como se fosse um combustível, mesmo com todos os problemas”. PP4: “Eu já rejeitei o convite para a vice-gestão, eu quero me tornar um grande professor do 5º ano”.

Essas falas ilustram o que pontua o autor Hall (2009), ao afirmar que os indivíduos tem consolidado em sua identidade o sentimento de pertencimento àquilo com que se identificam,

é uma espécie de representação de si mesmo, do seu lugar e o que deseja projetar para o futuro. Lembrando que isso é construído ao longo das vivências nos variados espaços sociais ou até privados.

Desse percentual que deseja continuar sua atividade profissional nos anos iniciais, 67% pretendem conciliar a atividade docente nos anos iniciais com outra função, sendo 33% docentes no ensino superior, 33% em gestão ou coordenação, 11% setor administrativo e 11% em atividade distinta da função docente, como é o caso do PP4 que deseja montar uma loja na área de relojoaria, sua outra profissão.

Por meio desses dados podemos perceber que os entrevistados querem ampliar suas experiências profissionais, atuando em outras funções que a Pedagogia possibilita. As falas de PP2 e PP6 evidenciam a abrangência que a área da Pedagogia permite atuar. PP2: “Há tempos atrás o campo de trabalho para o pedagogo era restrito a ser dono de colégio, hoje o campo do Pedagogo é mais amplo em: empresas, instituições, recursos humanos, são várias possibilidades, é um campo diversificado”. PP6: “O campo de atuação do pedagogo é amplo, ele pode atuar em escola, empresa, ONG, hospital”.

Do total dos entrevistados, 47% querem continuar estudando, aprimorando os conhecimentos na área educacional por meio de cursos de: especialização, mestrado, doutorado ou realizar outra graduação com que se identificam. PV2: “Eu tenho interesse em futuramente cursar o doutorado. Minha intenção de continuar estudando é para fortalecer essa etapa”. PP6: “Eu já estou me articulando para fazer o mestrado, vou tentar fazer outra especialização na área de gestão escolar e depois fazer doutorado”.

Esses dados corroboram o que a literatura traz a respeito. Para Tardif (2002), a formação de professores acontece não apenas no momento da formação inicial nas universidades, onde se aprende conhecimentos específicos relacionados à área profissional escolhida, mas em um processo contínuo durante toda a carreira docente.

Em conformidade com Tardif, Nóvoa (2002) caracteriza a formação continuada como um processo permanente, ligado ao cotidiano de professores e escolas, reforçando sua importância para o desenvolvimento de um trabalho de qualidade na prática docente. Dada sua importância, o autor ressalta a necessidade de refletir, analisar e criticar essa experiência como sendo algo indispensável.

Dos professores que pretendem desempenhar o trabalho fora da sala de aula nos anos iniciais, correspondendo a 40% de nossa amostra total, 50% almejam trabalhar em funções de gestão, coordenação ou supervisão, 33% exercer a docência no ensino superior, 33% desempenhar alguma função técnica na secretaria de educação, 16% trabalhar no AEE na sala

de recursos e 16% atuar na área de Letras².

Chama a atenção a fala do PP5 ao trazer um certo desabafo em relação à sua vivência na área de atuação da Pedagogia a razão de não desejar continuar atuando nos anos iniciais, relacionando sua decisão ao viés do recorte de gênero.

Nas formações tem muita mulher e a gente começa a querer correr para outros ramos: ser gestor, trabalhar na secretaria, como coordenador, como secretário, ser secretário de uma escola. A gente homem, eu mesmo posso dizer que a gente com o tempo corre mais para esse lado, é uma decepção que começa a querer sair da sala de aula porque a gente vê que já está pesado pra gente homem estar ensinando meninos. Eu quero outra área mais burocrática, mais com a minha cara, desculpa o preconceito, mais com a cara masculina que é a área da secretaria, da coordenação entendeu! Mexer com essa parte mais burocrática. A pedagogia é uma área linda [...] mas a gente tem a base, tem as barreiras como homem, infelizmente virou realmente uma área muito voltada ao feminino (Entrevista realizada com PP5 em novembro de 2022, conforme pesquisa de campo).

Ao voltarmos ao levantamento que foi realizado na literatura sobre a docência masculina nos anos iniciais, vemos que para a maioria dos sujeitos pesquisados a docência nessa etapa da escolarização ainda é fortemente atrelada ao gênero feminino, gerando certo desconforto e dificuldade para se sentirem pertencentes a esse universo. É o caso do PP5, ao buscar alternativas de inserção no ambiente educacional distanciadas da função de professor dos anos iniciais, apesar de esta ter sido a função na qual ingressou ao prestar concurso público.

A autora Canêdo (2004) nos ajuda a entender as escolhas profissionais dos indivíduos ao evidenciar em seu estudo que há uma tendência dos sexos se voltarem aos espaços que reconhecem como seu na estrutura social. Portanto, podemos inferir que a pedagogia, por ser uma área de múltiplas possibilidades de atuação profissional, desperta o desejo nesses professores de ao ingressarem no concurso público, buscarem espaços com que se identificam para além da sala de aula dos anos iniciais. Dito de outra maneira, o ingresso desses professores no concurso público por meio do cargo de professor dos anos iniciais, que geralmente disponibiliza uma grande quantidade de vagas, consistiria na “porta de entrada” para o serviço público estável, contudo, almejando outras funções na área educacional que lhes tragam maior satisfação.

² O somatório desse total ultrapassa a porcentagem de 100% pelo fato de os entrevistados escolherem mais de uma opção de atividade profissional que almejam exercer.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou compreender as representações sociais do campo profissional de pedagogos que atuam nos anos iniciais no estado de Pernambuco, acerca da docência masculina nos anos iniciais. Entendemos ser esta uma temática relevante no tocante à atuação do pedagogo na atual sociedade, marcada por transformações nas recomposições dos espaços e indivíduos nos setores produtivos que refletem diretamente na organização do mundo social, em especialmente do trabalho, e nas demandas profissionais diante dessa nova realidade.

Para subsidiar as análises tomamos como referência as discussões suscitadas acerca da docência nos anos iniciais do ensino fundamental, a pedagogia no Brasil e a Teoria das Representações Sociais com a abordagem processual, proposta por Serge Moscovici e Denise Jodelet, por se constituírem adequadas à natureza do estudo, ao objeto e ao público participante da pesquisa. Foi aplicado um questionário para verificar o perfil dos participantes e em seguida realizadas entrevistas semiestruturadas com 15 professores (5 do interior e 10 da região metropolitana). Para auxiliar no tratamento dos dados, utilizamos a análise de conteúdo sugerida por Bardin (2011), por meio de transcrição e categorização dos elementos presentes nas falas. As categorias de análise das entrevistas foram: a escolha pela Pedagogia, representações sociais sobre a docência nos anos iniciais e projeções para o futuro profissional.

A princípio identificamos o perfil dos 15 professores participantes da pesquisa, pois é a partir das realidades vivenciadas em suas trajetórias que as representações sociais são construídas, interpretadas e postas em prática por meio das condutas. Spink (1995) reforça esse pensamento ao apontar que as representações sociais apesar de serem fenômenos sociais e seu conteúdo acessado cognitivamente, são entendidas no seu contexto de produção.

O perfil apresentou as seguintes informações: 100% dos professores de nossa amostra são do sexo masculino entre 29 e 49 anos. Ao indagarmos sobre a profissão dos pais ou pessoas que foram responsáveis por eles, a maioria das mães são professoras ou exercem profissões que demandam maior nível de qualificação e os pais são em sua maioria agricultores ou exercem funções de cunho manual.

Desse cenário podemos inferir que as mães possivelmente exerceram influência direta na escolha profissional dos professores. Quanto aos pais, pelo fato de a maior parte deles atuar em profissões de ordem manual, têm menor remuneração e prestígio social. Desta forma, acreditamos que os professores participantes desta pesquisa tiveram melhores oportunidades

escolares que seus pais, conduzindo-os a buscarem uma profissão com maior remuneração e prestígio social, em relação às profissões de seus pais.

No tocante à formação, 100% dos professores têm curso superior, e 73% possuem ou está em andamento com outro curso de graduação além da pedagogia; destes cursos, 60% são ligados a outros cursos de formação de professores. 100% têm curso de pós-graduação, sendo 53% na área de gestão. Canêdo (2004) em seu estudo destaca que há uma tendência de os sexos se voltarem aos espaços que reconhecem como seu na estrutura social.

Todos os professores possuem vínculo empregatício efetivo. A grande maioria, 73% deles lecionam em turmas dos anos finais do ensino fundamental I (crianças maiores) e apenas um docente atua na Educação Infantil. 73% não conciliam o trabalho docente com outra atividade profissional, consistindo em dedicação exclusiva. No que diz respeito à experiência na docência, eles têm de 4 à 28 anos de experiência, ou seja, possuem vasta experiência.

Após verificado o perfil dos professores, analisamos as motivações para a escolha profissional, identificamos as representações sociais acerca da docência masculina nos anos iniciais e conhecemos suas perspectivas para o futuro profissional.

Os resultados mostram que a escolha profissional recebeu influência de várias vertentes. 60% dos professores participantes da pesquisa não escolheram a pedagogia como primeira opção de carreira. 67% tiveram influência direta de seu círculo social para a escolha do curso de Pedagogia, sejam provenientes de familiares, amigos ou colegas de trabalho. Além destes, receberam ainda influência de suas condições objetivas de existência (como o tempo, por exemplo), o trabalho e identificação com a área. Do total dos professores 87% disseram ter recebido apoio tanto familiar quanto dos amigos.

No que diz respeito às representações sociais sobre a docência nos anos iniciais, 93% afirmam terem sido bem recebidos. 67% tiveram dificuldade de adaptação ao ingressarem na docência dos anos iniciais. 93% mantêm uma boa relação com a comunidade escolar e 100% se sentem aceitos em seus ambientes de trabalho. 73% não sofreram preconceito ou resistência ao longo de sua atuação profissional. Os entrevistados enfatizaram que a área da Pedagogia ainda tem poucos homens, que esse profissional tem uma grande importância na formação da sociedade, contudo, necessita ser mais reconhecido e valorizado pela sociedade de forma geral.

Por último, perguntamos quais seriam as projeções dos professores para o futuro profissional. 100% afirmam estar satisfeitos, porém, expressam ter algum tipo de dificuldade

ou crítica relacionada ao trabalho do pedagogo como: falta de investimento material, estrutura física, formação, falta de acompanhamento familiar, baixa remuneração e reconhecimento social, porém mesmo diante destas dificuldades expressadas pelos professores, 60% almejam continuar atuando como docentes dos anos iniciais.

Por meio das análises foi possível verificar que as representações sociais dos professores participantes de nossa pesquisa não diferem muito das representações sociais das pedagogas, uma vez que os desafios da profissão são postos a todos, independentemente do sexo.

No decurso de minha experiência na graduação em pedagogia ouvi relatos de meus colegas de curso, dizendo ouvirem termos pejorativos direcionados ao estudante de pedagogia do sexo masculino e haver instituições de ensino que sequer permitiam que participassem de seus processos seletivos de estágio. Em decorrência de fatos como estes, os estudantes em formação do curso de Pedagogia tinham em suas perspectivas profissionais um distanciamento do trabalho com os anos iniciais, almejando prolongarem sua carreira acadêmica e buscar outros setores de trabalho que a pedagogia possibilita.

Ao desenvolver este estudo percebemos por meio dos discursos suscitados pelos professores participantes da pesquisa que essa realidade tem sido modificada no decorrer do tempo. Há uma mudança na representação social ligada ao magistério masculino nos anos iniciais, mudança esta que reconfigura os espaços sociais e conseqüentemente o lugar social destinado aos sujeitos, no nosso caso o lugar profissional destinado aos indivíduos, sendo aceito pela sociedade com certo consenso.

A escolha profissional, como vimos ao longo deste estudo, está ligada a diversas vertentes. Cada caminho trilhado, cada aprendizado construído é um passo para consolidar nossa formação profissional. Sendo assim, podemos dizer que o trajeto profissional é composto pelas múltiplas vivências e experiências nos diversos setores da sociedade, nos conduzindo a determinados olhares, percepções e posicionamentos. Não defendemos bandeiras e práticas aleatoriamente, elas advêm de nossas vivências interiorizadas, tornando-se nossas referências, e nessa perspectiva as representações sociais são reveladoras do contexto social mais amplo. Uma vez estudando as representações sociais no contexto educativo podemos melhor compreender, interpretar e nos posicionar com vistas a melhoria em contexto geral, seja nas práticas, métodos, recursos ou qualquer outro direcionamento.

O espaço de trabalho nos anos iniciais era tido como destino provável das mulheres, todavia, os profissionais do sexo masculino que hoje estão inseridos nesse âmbito, se sentem

aceitos em seus ambientes de trabalho e pretendem continuar sua experiência profissional atuando nos anos iniciais, como vimos na maioria dos relatos dos professores entrevistados. Abric (1994) elenca que as representações sociais funcionam como sistema sociocognitivo contextualizado, por ser o sujeito ativo produtor de representações no contexto social onde elas são elaboradas coletivamente e desta forma elas são passíveis de mudança, como verificamos em nossa pesquisa.

Concluimos nossas reflexões mencionando o importante papel do pedagogo para a formação da sociedade, pois é por meio desse profissional que todas as outras profissões são possíveis de existirem. Os professores de nossa amostra sentem na pele a falta de reconhecimento e valorização por parte não somente do governo, mas também do contexto social de maneira geral. A sólida formação do pedagogo lhe dá credenciais para se inserirem nos espaços educativos sejam eles quais forem.

Esperamos que esta investigação traga contribuições para o campo da Teoria das Representações Sociais, formação de professores e ampliação do olhar social voltado às questões de gênero, espaços de circulação e atuação humanas em prol de igualdade, respeito e valorização profissional dos indivíduos que desempenham papel fundamental na formação da sociedade.

Ressaltamos que essas discussões não se encerram aqui. Nossas breves considerações sugerem novas investigações, considerando a riqueza do poder investigativo para a expansão do conhecimento que subsidia as representações e práticas sociais. Buscamos vivências mais humanas, racionais e igualitárias. Assim, apontamos a necessidade de pesquisas que se debrucem sobre o gênero nos meios profissionais. A fala do PP8 nos ajuda a entender a educação para além do gênero: “Eu vejo a educação independente do sexo”. É nessa perspectiva que defendemos um modelo educacional que inclua todos, independentemente de qualquer condição.

REFERÊNCIAS

- ABRIC, J-C. **Pratiques sociales et représentations**. Paris: Presses Universitaires de France, 1994a.
- _____. L'étude expérimentale des représentations sociales. In: JODELET, D. (Ed.). **Les représentations sociales**. Paris: Presses Universitaires de France, 1994b. rance, 1994b.
- ALBRECHT, P. A. T; KRAWULSKI, E. Concurseiros e a busca por um emprego estável: reflexões sobre os motivos de ingresso no serviço público. **Cad. Psicol. Soc. Trab.** [online]. 2011, vol.14, n.2, pp. 211-226. ISSN 1516-3717.
- ALEXANDRE, Marcos. **Representação social**: uma genealogia do conceito. *Comum*. Rio de Janeiro, v.10, nº23, p 122-138, 2004.
- ARAUJO, J. L. D. **As representações sociais de graduandos no curso de Pedagogia sobre o “ser professor” de ciências nos anos iniciais**. 2016. 118 f. Dissertação (Mestrado em Educação para a Ciência e a Matemática) - Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2016.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70. 2011.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi/ZygmundBauman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2005.
- BORGES, J. L. G. & CARNIELLI, B. L. 2005. Educação e estratificação social no acesso à universidade pública. **Cadernos de Pesquisa**, v.35, n. 124, p. 113-139, jan-abr. 2005.
- BOUDON, Les causes de l'inégalité des chances scolaires. In: _____, R.; CUIN, C.; MASSOT, A. (Orgs.), **L'axiomatique de l'inégalité des chances**, Paris: L'Harmattan, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. Condição de classe e posição de classe. In: _____. **Economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007. Cap. 1, p. 3-25.
- _____. **A Distinção**: crítica social do julgamento. Porto Alegre, RS: Zouk, 2015.

CALADO, Ana Clécia Alves, O papel da família no acompanhamento da vida escolar dos filhos. **Revista Educação Pública**, v. 20, nº 39, 13 de outubro de 2020.

CANÊDO, L. B. Masculino, feminino e estudos universitários no estrangeiro: os bolsistas brasileiros no exterior (1987-1998). In: ALMEIDA, Ana Maria F. [et al. Org.]. **Circulação internacional e formação intelectual das elites brasileiras**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2004. P. 168-187.

CARDOSO, F. A. **A identidade de professores homens na docência com crianças: homens fora do lugar?** Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, p. 210. 2004.

CARVALHO, A. M. O. **VOZES MASCULINAS NO COTIDIANO ESCOLAR:** desvelando relações de gênero na Educação Infantil sob a perspectiva fenomenológica de Alfred Schutz. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Araraquara - SP, p. 148. 2015.

CARVALHO, Marília P de. **Vozes masculinas numa profissão feminina:** o que têm a dizer os professores. Prepared for delivery at the 1998 meeting of the Latin American Studies Association The Palmer House Hilton Hotel, Chicago, Illinois – September 24- 26, 1998.

CORRÊA, Z. D. A. **Representações sociais de professores e professoras sobre a atuação masculina no magistério dos anos iniciais do ensino fundamental:** a ausência/presença em sala de aula. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, p. 113. 2014.

CRUSOÉ, N. M. C. A teoria das representações sociais em Moscovici e sua importância para a pesquisa em educação. **APRENDER – Cad. De Filosofia e Psic. Da Educação**. Vitória da Conquista, n. 2, p. 105-114, 2004.

CUNHA, A. T. B. **Gênero e Docência Masculina:** como se constitui o professor homem dos anos iniciais. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas. Rio Grande do Sul, p. 180. 2016.

ELMENOUI, M. M. B. **As representações sociais do trabalho docente entre os professores do Ensino Fundamental da rede municipal de ensino em Manaus: uma análise comparativa entre os professores dos anos iniciais e anos finais.** 2012. 92 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Amazonas. Manaus, 2012.

GOMIDES, W. L. T. **Transitando na fronteira: a inserção de homens na docência da educação infantil.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Viçosa. Minas Gerais, p. 90. 2014.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo In **Educação e Realidade.** Jul-dez. 1997 disponível: <https://www.seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/71361/40514>. acesso em 08/04/2022.

_____. Quem precisa de Identidade? In: SILVA, Thomas T. (org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

_____. **A identidade cultural na Pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2011.
 INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Sinopse Estatística da Educação Básica 2021.** Brasília: Inep, 2022. Disponível em: <<https://www.gov.br/inep/pt-br/aceso-a-informacao/dados-abertos/sinopses-estatisticas/educacao-basica>>. Acesso em: 15 de maio. 2022.

JESUS, A. R.; COSTA, R. Gênero e Docência: um olhar sob a perspectiva dos discentes do curso de pedagogia. **Revista Contrapontos – Eletrônica,** Itajaí, v. 17, n. 3, p. 441-459, jul./set. 2017.

JODELET, D., 1985. La representación social: Fenómenos, concepto y teoría. In: **Psicología Social** (S. Moscovici, org.), pp. 469-494, Barcelona: Paídos.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (Org.). **As representações sociais.** Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

KUHN, A. P. **Práticas avaliativas de egressos do curso de pedagogia a distância da UFMT: implicações da formação inicial e o exercício de ser professor.** 2012 378 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2012.

LIMA, M. C. S. **Elementos presentes em processos de construção da identidade profissional docente de estudantes do sexo masculino do curso de Pedagogia da UFPE.** 2013. 112 f. Dissertação (Mestrado) – Centro de Educação, Universidade Federal de Pernambuco. Pernambuco, 2013.

LIMA, M. C. S. **Tornar-se professor: um estudo sobre a formação de identidades profissionais de professores do sexo masculino dos anos iniciais, a partir de suas trajetórias.** Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco. Pernambuco, p. 224. 2017.

LIPIANSKY, E. M. Identité subjective et interaction In C. Camilleri, J. Kastersztein, E. M. Lipiansky, H. Malewska-Peyre, I. Taboada-Leonetti & A. Vasquez. **Stratégies identitaires** Paris: Presses Universitaires de France, 1990.

LOURO, Guacira Lopes. O gênero da docência. In: _____. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** 6. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1997. Cap. 4, p. 88-109.

MARKOVÁ, Ivana. **A fabricação da teoria de representações sociais.** Tradução de Beatriz Gama Rodrigues e João Kaio Barros. Cadernos de pesquisa. V. 47, n. 163, p. 358-375, jan/mar. 2017.

MENDONÇA, L. N. **Necessidades formativas dos professores dos anos iniciais na sua inserção no exercício da docência.** 2011. 349 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Presidente Prudente, 2011.

MOREIRA, A. M. **Representação social do ser professor e construção identitária docente nos anos iniciais do Ensino Fundamental.** 2012. 139 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Taubaté. Taubaté, 2012.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Tradução de Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. Trad. Pedrinho Guareschi. 11^a ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

NOGUEIRA, M. A. Convertidos e oblatos: um exame da relação classes médias/escola na obra de Pierre Bourdieu. **Revista Educação, Sociedade & Cultura**, Porto, n^o7, p. 109-129, 1997.

NOGUEIRA, Maria Alice; NOGUEIRA, Cláudio M. Martins. **Bourdieu & a educação**. 4. ed.; 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016 (Pensadores & Educação).

_____. **A construção da excelência escolar: um estudo de trajetórias feito com estudantes universitários provenientes das camadas médias intelectualizadas**. In: NOGUEIRA, M. A.; 2013.

NÓVOA, António (org.). **Profissão professor**. Porto, Portugal, Porto editora, 1991. NÓVOA, A. **A Formação de professores e trabalho pedagógico**. Lisboa: Educa, 2002.

OLIVEIRA, T. C. M. **A educação escolar e a ação intencional do professor: um estudo de caso dos anos iniciais de escolarização em uma escola pública do Estado do Paraná**. 2011. 128 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2011.

PARSONS, Talcott. Professions. In: SHILLS, David. **International Encyclopedia of the Social Sciences**. New York: MacMillan, v. 11/12, 1972, p. 536-546.

PEDRO, Joana Maria. Mulheres do Sul. In: **DEL PRIORE**, Mary. História das mulheres no Brasil. 2. ed. São Paulo: Contexto, p. 238-321, 2004.

PETRENAS, R. C; MOKWA, V. M. N. F; GONINI, F. A. C; RIBEIRO, P. R. M. **A profissão Docente e a Temática de Gênero: Homens nos Anos Iniciais da Educação Básica**. Disponível em: <http://www.publicacoes.ufes.br/educacao/article/view/15865>. Acesso em 14/08/2017.

ROMANELLI, G. O significado da educação superior para duas gerações de famílias de camadas médias. **R. Bras. Est. Pedag.**, v.76, n. 184, p. 445-476, set-dez. 1995.

SÁ, C.P. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.

SÁ, Celso Pereira; ARRUDA, Angela. O estudo das representações sociais no Brasil. **Revista de Ciências Humanas**, Série Especial Temática, Florianópolis, p. 11-31, 2000.

SANTOS, L. B. **Gênero e educação infantil: o trabalho de educação e cuidado de um auxiliar do sexo masculino e seus desdobramentos no cotidiano de uma escola infantil**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, p. 140. 2014.

SANTOS, M. L. L. **Escolha do curso de Pedagogia por estudantes do sexo masculino na UFPE**. Recife, 2018.

SANTOS, Q. D. O. **A constituição do ser social professor – significados e sentidos de professores dos anos iniciais da rede pública do Distrito Federal**. 2020. 187 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Brasília. Brasília, 2020.

SAVIANI, D. **A pedagogia no Brasil: história e teoria**. Campinas, SP: Autores Associados, 2008. 259 p. (Coleção memória da educação).

SETTON, M. G. J. As religiões como agentes da socialização. **Cadernos CERU – USP**, v. 19, p. 15-25, 2008 (b).

_____. A socialização como fato social total: notas introdutórias sobre a teoria do *habitus*. **Revista Brasileira de Educação**, v. 14, n. 41, p. 296-307, maio/ago. 2009.

SILVA, Thomas T. da. A produção social da identidade e da diferença In: SILVA, Thomas T. (org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SOUZA, S. D. Educação, trabalho e socialização de gênero: quando ser mulher pesa na balança social. **Educação e Linguagem**, São Paulo, Brasil, n.18, p. 170-185, jul./dez. 2008.

SOUSA, I. M. A. **Aprendendo a ser professor: a prática no PIBID como possibilidade de mobilização e (re)elaboração de saberes sobre alfabetização**. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p. 201. 2013.

SPARTA M. & GOMES, W. G. Importância atribuída ao ingresso na educação superior por alunos do ensino médio. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v.6, n.2, p.45-53. 2005.

SPINK, M. J. (org.) **O conhecimento no cotidiano**. São Paulo: Brasiliense, 1995. TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

VEIGA, Ilma Passos. A. e VIANA, Cleide Q. Q. (Orgs.). **Docentes para a educação superior: processos formativos**. Campinas SP: Papirus, 2010.

WEBER, V. **Unidocência e educação musical: crenças de autoeficácia do professor de referência**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, p. 216. 2018.

XAVIER, R. Representação social e ideologia: conceitos intercambiáveis?. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, July/Dec. 2002, vol.14, no.2, p. 18-47.

ZAGO, Nadir. **Processos de escolarização nos meios populares – as contradições da obrigatoriedade escolar**. In: NOGUEIRA, M. A., ROMANELLI, Geraldo & ZAGO, NADIR (orgs.) **Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) – Para as Secretarias de Educação participantes da pesquisa

	<p>Universidade Federal de Pernambuco Centro de Educação Programa de Pós-Graduação em Educação Mestrado em Educação</p>	
---	---	---

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Pesquisa: Ser professor do sexo masculino nos anos iniciais: um estudo das representações sociais de pedagogos

Eu, Maria Luciane de Luna Santos, portadora do CPF: 098*****-*9, residente na cidade de Vitória de Santo Antão – PE, professora efetiva da rede municipal de Paulista, matrícula 0****3 e estudante concluinte do curso de Mestrado em Educação da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, estou desenvolvendo uma pesquisa sob a orientação da professora Dra. Rejane Dias da Silva Moraes, com o intuito de finalizar o trabalho de Dissertação, pré-requisito para a conclusão do curso.

A pesquisa tem por objetivo compreender as representações sociais do ser professor do sexo masculino nos anos iniciais do ensino fundamental, compartilhadas entre pedagogos que atuam nas redes municipais da região metropolitana e interior do estado de Pernambuco. E de forma mais aprofundada verificar o perfil desses pedagogos, identificar as representações sociais do ser professor do sexo masculino nos anos iniciais, analisar as motivações para a escolha profissional, bem como suas perspectivas futuras.

Este estudo permitirá ampliar a reflexão acerca da construção das trajetórias profissionais dos sujeitos, considerando os desafios suscitados pelo contexto histórico-cultural da nossa sociedade e assim contribuiremos para o avanço do conhecimento científico na área educacional.

Para que esta pesquisa seja concretizada, solicitamos a participação da Secretaria Municipal de Educação do Paulista fornecendo o contato dos pedagogos do sexo masculino que

atuam nos anos iniciais do ensino fundamental, para realização de uma entrevista e se possível, o quantitativo de pedagogos que estão na educação infantil e ensino fundamental I.

Ressaltamos que a participação será voluntária, os dados fornecidos serão utilizados unicamente para fins acadêmico/científicos e que a identidade dos participantes será preservada.

Desde já externo minha imensa gratidão e consideração pelo apoio e serviço prestado por esta rede e toda sua equipe.

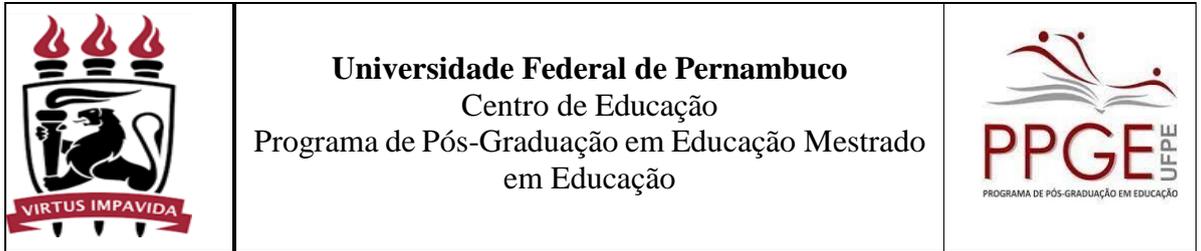
Assinatura da Secretaria Municipal participante

Assinatura da Orientadora

Assinatura da estudante pesquisadora

Contato da pesquisadora: E-mail: lucianeluna123@hotmail.com Telefone: [81988698013](tel:81988698013)

APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) – Para os participantes da pesquisa



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Pesquisa: Ser professor do sexo masculino nos anos iniciais: um estudo das representações sociais de pedagogos

Eu, Maria Luciane de Luna Santos, portadora do CPF: 098*****-*9, residente na cidade de Vitória de Santo Antão – PE, professora efetiva da rede municipal de Paulista, matrícula 0****3 e estudante concluinte do curso de Mestrado em Educação da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, estou desenvolvendo uma pesquisa sob a orientação da professora Dra. Rejane Dias da Silva Moraes, com o intuito de finalizar o trabalho de Dissertação, pré-requisito para a conclusão do curso.

A pesquisa tem por objetivo compreender as representações sociais do ser professor do sexo masculino nos anos iniciais do ensino fundamental, compartilhadas entre pedagogos que atuam nas redes municipais da região metropolitana e interior do estado de Pernambuco. E de forma mais aprofundada verificar o perfil desses pedagogos, identificar as representações sociais do ser professor do sexo masculino nos anos iniciais, analisar as motivações para a escolha profissional, bem como suas perspectivas futuras.

Este estudo permitirá ampliar a reflexão acerca da construção das trajetórias profissionais dos sujeitos, considerando os desafios suscitados pelo contexto histórico-cultural da nossa sociedade e assim contribuiremos para o avanço do conhecimento científico na área educacional.

Para que esta pesquisa seja concretizada, solicitamos sua participação por meio de uma entrevista. Ressaltamos que sua participação será voluntária, sua identidade preservada e os dados serão utilizados unicamente para fins acadêmico/científicos.

Após conhecer os objetivos e relevância do estudo, declaro estar ciente das informações aqui apresentadas e aceito participar desse estudo voluntariamente.

Assinatura do participante: _____

Contato (e-mail e telefone): _____

Contato da pesquisadora: E-mail: lucianeluna123@hotmail.com

Telefone: 81988698013

Recife, _____ de _____ de 2022.

**ANEXO A - Autorização da Secretaria de Educação da cidade de Vitória de Santo Antão
- PE**



PREFEITURA DA CIDADE DA VITÓRIA DE SANTO ANTÃO
Palácio José Joaquim da Silva Filho

Vitória/PE, 24 de novembro de 2022

À Escola Municipal Jornalista Assis Chateaubriand, Escola Municipal Pedro Ribeiro, Escola Municipal CAIC Diogo de Braga

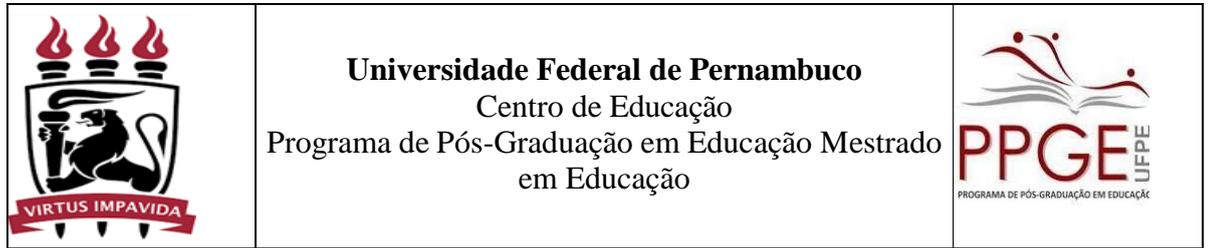
Assunto: Realização de trabalho de pesquisa para Mestrado

Cumprimentando-o cordialmente, venho através deste, informar que a estudante Maria Luciane de Luna Santos, vinculada ao curso de Mestrado da UFPE, **POSSUE PERMISSÃO** de realizar a pesquisa de trabalho “**Entrevista com os Pedagogos dos Anos Iniciais**” a partir da presente data até o dia 09 de dezembro de 2022, nesta unidade de ensino.


p/ **Carmelo Souza da Silva**
Secretário Municipal de Educação


Rua Demócrito Cavalcanti, 144 - Livramento, Vitória de Santo Antão - PE - CEP: 55.612-010

ANEXO B - Questionário sobre o perfil do pedagogo



QUESTIONÁRIO SOBRE O PERFIL DO PEDAGOGO

Nome:

Idade: _____

Você possui Graduação? Qual(is)?

Possui curso de Pós-Graduação ou Curso Técnico? Se sim, qual(is)?

Qual seu vínculo empregatício:

Efetivo () Contratado ()

Você concilia o trabalho docente com outro tipo de atividade (remunerada ou não)? Se sim, qual(is)?

Há quanto tempo trabalha com a docência?

Atualmente atua em que série(s)?

Como foi a escolha da(s) turma(s)? Você escolheu ou foi algo da gestão do município ou da escola? Explique.

Qual a profissão dos seus pais ou pessoas que foram responsáveis por você?

ANEXO C - Roteiro para a entrevista semiestruturada

QUESTÕES PARA A ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Questões para atender parte do terceiro objetivo específico (motivações para a escolha profissional)

- Pedagogia foi sua primeira opção de curso superior? Caso não, qual era a opção de curso?
- Fale sobre sua escolha pela pedagogia. Você teve alguma influência?
- Quando você escolheu fazer pedagogia, sua família, amigos apoiaram?

Questões para atender ao segundo objetivo específico (representações sociais dos pedagogos sobre a docência nos anos iniciais)

- Quando você iniciou o trabalho na escola, como foi recepcionado pelos colegas da escola, gestão, pais, crianças?
- Quando você iniciou o trabalho da docência nos anos iniciais, como foi seu período de adaptação com as crianças? Foi tranquilo? Teve alguma dificuldade?
- Como é sua relação de trabalho com seus colegas professores, equipe da escola, gestão, pais, alunos?
- Como você se vê atuando em um espaço (anos iniciais) que por muito tempo te sido visto como de atuação feminina?
- Ao longo de seu trabalho você percebeu algum tipo de resistência, preconceito ou algo do tipo?
- Você se sente aceito em seu ambiente de trabalho?
- Como você vê a profissão do pedagogo e seu trabalho na sociedade nos dias atuais?

Questões para atender parte do terceiro objetivo específico (perspectivas profissionais futuras)

- Você está satisfeito com sua profissão?
- Quais dificuldades você enfrentou ou enfrenta em sua profissão?
- O que você almeja para seu futuro profissional?